Ecos da Palavra

setembro/outubro 2021 nº7 revista gratuita





Entramos no mês de setembro carregados de mudanças… de estação, de vida, de melhoria, de esperança.

Nada é perpétuo, o bem e o mal, acabam e a literatura e arte serão a própria transformação?

Este 7º número é também fonte de mudança, de metamorfose… além de cada vez uma excelência em cada trabalho publicado, o qual dignifica o trabalho conjunto de escritores/ poetas e editores…

Temos neste número uma excelente parceria de Sigridi Borges como diagramadora, a quem agradeço imensamente por fazer parte de uma equipa.

Catarina Dinis Pinto

SELECIONADOS

Agnes Izumi Nagashima	6
Alberto Arecchi	7
Alessandro Diniz	16
Aline Bischoff	18
Amora Ins.	19
Ana Faísca Pinheiro	24
Ana Marta	30
Augusto Filipe Gonçalves	32
Carlos Eugenio Vilarinho Fortes	34
Carolina Pessôa Mulatinho	35
Cecília Maria Pereira Pestana	38
Clara Gerhardt David	39
Cristiane Ventre	42
Dandara Q. Brandão	46
David Firmino da Silva Leite	49
Elaene Suzete de Oliveira Pereira	51
Elizandra Sabino	53

Evelyn Roberta Gasparetto 55
Filipe Oliveira 61
Francisco Caetano 62
Gabriela Cardoso 64
Gedeane Costa 67
Geraldo Ramiere 68
Gisela Peçanha 71
Gislene Oliveira 72
Helio Oliveira 75
João Carlos Almeida 76
Julia Preto 77
Juliete Vasconcelos 81
Karine Dias Oliveira 89
Laerte Tavares 91
Larissa Reggiani Galbardi 92
Luís Amorim 93
Marcos Antonio Campos 94
Marques Bueno 96
Nazareth Ferrari 97
Nereu Avila do Nascimento 98

Nora Prado 100
Patricia de Campos Occhiucci 101
Paulo Luís Ferreira 102
Reinaldo Fernandes 109
Renan de Oliveira 114
Rita Zuim Lavoyer 116
Rosangela Mariano 117
Saul Cabral Gomes Júnior 118
Sergio Schargel 120
Sirineu Bezerra de Oliveira 122
Tiago Augusto de Figueiredo 123
Valéria Paz 127
Valéria Pisauro 128
Vitória Costa 129

Agnes Izumi Nagashima. Paranaense e biotecnóloga com mestrado em Ciência de Alimentos. Escreve poemas e contos. Já publicou em revistas literárias e coletâneas e recebeu algumas premiações. Faz parte da UBT (União Brasileira de trovadores) Londrina, do grupo de escrita Contopeia, da Comissão de autores literários da WebTv e é acadêmica correspondente da Academia Internacional da União Cultural.

TRAÇOS EM MIM

Nos traços deixo um pouco de mim,
palavras desenham meu pensamento,
traduzem meus medos e desejos
e voam livres feito o vento.
Versos nascidos em cada amanhecer
para iluminar na intensidade do sol.
A esperança me faz renascer,
na nuance de cores do arrebol.
Palavras eternizadas em cada verso,
feito estrelas em uma constelação.
Um sentimento em cada poesia
floresce do suor e da inspiração.
A liberdade traçada na vida,
a voz que ecoa do meu coração.

Agnes Izumi Nagashima

Alberto Arecchi (1947) é um arquiteto italiano, mora na cidade de Pavia. Tem uma longa experiência em projetos de cooperação para o desenvolvimento em vários países africanos como especialista em tecnologias apropriadas para o planejamento de habitat. Presidente da Associação Cultural Liutprand, edita estudos sobre a história local e as tradições, sem descurar as relações inter-culturais (site: https://www.liutprand.it). Escreve contos e poemas em italiano, português, espanhol e francês.

A GAROTA DE BILIBIZA

Festejei meu trigésimo aniversário em Pemba, Moçambique, na costa africana do Oceano Índico, na cidade que os colonos chamavam Porto Amélia. Lembro-me do avião pousando sobre uma rocha em forma de crescente que se projetava no mar. Na luz dourada do fim da tarde, o promontório aparecia coberto de belas árvores de baobá (imbondeiros). Era novembro, estávamos mesmo na curta temporada, quando aquelas árvores têm folhas. O baobá é considerado uma árvore sagrada, inspirando poemas, ritos e lendas. No breve período de uma noite as árvores se cobrem com um manto de flores brancas e se animam, porque suas flores atraem uma fauna diversificada: morcegos, pássaros e outros pequenos animais. Os mais velhos acreditavam que aqueles animais encarnassem os espíritos da natureza e as vozes dos antepassados. O mito das origens queria que todos os homens tivessem saído, junto com os animais da floresta, por uma montanha, em que Deus os tinha feito, como rebentos de uma grande árvore de baobá. Nos dias da minha estada, no entanto, estava proibido falar sobre os mitos antigos e as crenças mágicas. Qualquer desvio arriscava de ser severamente punido, em nome do materialismo histórico.

Na minha memória ficaram gravadas de maneira inesquecível as danças de batuque, com os ritmos dos tambores e do bater das mãos, e as meninas dançando nas praias, nos bairros, nas aldeias, com os rostos cobertos por máscaras de ocre branco. Tirei fotos, muitas fotos, que foram perdidas... Mas a memória pode ficar viva, mesmo sem depender de um álbum de imagens descoloridas!

Eu morava num hotel ao longo da praia do mar, fora da baía. A casa oferecia uma rica cesta de pudins. Às vezes eu exagerava e levava dois, um como antepasto e outro como sobremesa. Até um dia - com agradável surpresa – me pareceu perceber entre os dentes um grau de passas... mas era uva um pouco estranha, tinha as patas... e - de repente - eu me lembrei de que na África não se encontram passas, e que nunca havia naqueles pudins… mosca é que tem patas… frente à mosca cozida no pudim, o proprietário disse, em tom de brincadeira, que ele poderia me cobrar uma taxa extra para o ‘pudim com carne’! Na memória de outros, os nomes de lugares como Quissanga, Ibo e Montepuez poderiam não sugerir nada. Esses nomes evocam em mim sentimentos fortes e quentes, imagens coloridas de uma fortaleza colonial abandonada, na foz de um estuário. Fora, no mar, sobre a rocha de uma pequena ilha, outra fortaleza, com lembranças de caravelas e de comércio antigo. No ar quente, os gritos estridentes das aves e o ziziar dos insetos tropicais se assemelhavam às notas da trompa de uma degola dramática, jogada antes do assalto final à morte

Lembranças de conquistas ambiciosas e de massacres sangrentos, ignorados pelos livros da história.

Eu tinha que ir para o interior até o Vale de Bilibiza, para projetar novas aldeias e realizar a avaliação de uma área agrícola. O lugar era de triste fama. Nessa área - três ou quatro anos antes - tinham acontecido umas das mais ferozes batalhas da guerra colonial. Um campo de batalha disputado, em que muitos jovens de ambos os partidos haviam perdido suas vidas. No silêncio do mato parecia que ainda ressoassem, a qualquer momento, o granizo dos golpes de obuses ou as rajadas secas das metralhadoras. De vez em quando, a partir do fundo do vale, chegava a chamada estridente de uma ave misteriosa, como um lúgubre presságio. Na região, infestada pela mosca tsé-tsé, não havia animais de grande porte. Apenas pequenos animais, como ratos e coelhos, habitavam aquele mato, mas nada da grande fauna selvagem da África. Não havia armas de fogo, porque o governo havia proibido. A gente era obrigada a se alimentar de pequenos peixes e coelhos, capturados com armadilhas ou com arco e flechas. No entanto, você esperaria encontrar, em cada curva da pista, um desses animais míticos descritos pelos antigos viajantes: os escorpiões voadores que picam a morte, ou a famosa Semendel, a ave com plumagem branca, azul e verde, capaz de entrar no fogo sem se queimar.

Nos tempos coloniais, havia na região grandes plantações de sisal. Com as fibras se faziam cordas de navios e tecidos crus. A guerra e a independência fizeram fugir os colonos e as plantações ficaram abandonadas. Os empregados e os criados

foram dispersos no curso da longa luta de guerrilha. Na época da fazenda, uma represa havia criado uma grande albufeira de água para usos agrícolas. Agora tudo tinha caído em desuso, apenas permanecia uma parte do reservatório. Apenas algumas parcelas de terra ficavam exploradas como hortas pelos habitantes sobreviventes. No entanto, era difícil lidar abóboras e tomates com os roedores famintos que rodavam pelo mato. Em volta, um mato selvagem, ainda espalhado de minas. Dizia-se que em partes remotas da região havia "campos de reeducação", onde milhares de mulheres do sul do País foram deportadas, sob a acusação de ter praticado a prostituição na capital e de ter vendido seus corpos aos jovens soldados das tropas coloniais.

Visitei uma velha plantação de sisal, abandonada durante a guerra. Nos armazéns eviscerados ficava a maquinaria para macerar as folhas e torcer a fibra. Esqueletos enormes, imóveis, cobertos de poeira. Após anos de negligência, pareciam o naufrágio de um enorme navio.

Por um longo momento, o tempo ficou suspenso e eu vi - ou imaginei…? - uma menina de outro tempo, vestida com uma crinolina e um chapéu de abas largas, brincando, correndo para os pais, no brilho do pôr do sol. Seu pai bronzeado, com a barba bem aparada, olhava satisfeito para ela, sentado na varanda, com seu chapéu de disquete, o charuto sempre presente e um copo de uísque e água. Sobre a mesa, a pilha de jornais acabando de chegar da cidade, com relatos de ataques de rebeldes. Foi uma visão fugaz.

A cena desapareceu, com tiros rápidos de rastreamento da casa em chamas e de uma fuga aventurosa em um velho caminhão, abastecido com álcool de cana. Por muito tempo sonhei, com repetida insistência, a criança em saias, parecia que fosse parte da minha história. A imagem daquela menina, que ficava impressionada nos lugares de vidas agora perdidas, vislumbrada por um momento e percebida como uma vaga lembrança, começou a assombrar meus sonhos. Eu nunca tinha conhecido aquela menina, eu não estava sequer certo da sua existência, mas eu percebi com clareza a aura, senti o cheiro dela, naquela tarde quente, na plantação abandonada. A angústia de um mundo perdido apertava minhas entranhas, como se toda a história da opressão, da escravidão, injustiça, que girava em torno da presença de colonos brancos na terra dos Cafres... O mundo dos brancos na África, a exploração da plantação, tudo o que eu recusava, lutando na tentativa de construir um mundo melhor... Como se todas essas coisas fossem apenas a matriz da minha própria vida.

Os anos se passaram. Dez, vinte, trinta. O mundo está vivendo novos equilíbrios e desequilíbrios, mas a África continua sendo um fardo esquecido, com os mais baixos níveis de pobreza, ignorância e insegurança sobre seu futuro. Em tempos de incerteza, volta à minha mente a imagem macia da menina, sonhada na antiga plantação. Eu volto pensando para a visão daquela criatura inocente, em uma tarde tropical. Aquela criança, se ficar vivendo, poderia ter mais ou menos a minha idade. Eu nunca conheci nem parei com ela, mas ela foi o verdadeiro.

testemunho de meus sucessos e meus fracassos, como se tivesse sido a única companhia constante da minha vida

Eu pensei de identificar seu rosto, seu sorriso triste, em milhares de mulheres passando ao meu lado. A presença dela foi mais viva e concreta, mais reconfortante e animadora que todas as mulheres com quem eu vivi, tentando parcerias efêmeras. Quem sabe quantas vezes, no passar de todos estes anos, a filha da plantação sentiu, como eu, pendurada em sua cabeça a angústia de lembrar tantas vidas destruídas, os destinos quebrados de toda uma geração. Quem sabe - eu estou pensando - se ela também tem um sonho recorrente, e se nesse sonho há a imagem de um jovem estrangeiro, que patrulha as máquinas da antiga fazenda em ruínas. Em este preciso momento, a senhora está assistindo ao pôr do sol em outro lugar, virando os olhos cansados para outro oceano. Não há estridular de cigarras, nem os perfumes fortes sob o sol tropical. Pela pequena casa de baixo se levantam os arranjos pungentes de viola de um fado nostálgico, o cheiro doce de jasmim nesta noite de verão. Estamos distantes no espaço e no tempo, milhares de quilômetros de distância de Quissanga e Bilibiza, quarenta anos mais tarde, para encontrar mais uma vez a vida na fazenda.

A África ainda fica esperando, vasto continente sem paz, oprimido pelos mistérios, abalado por apetites demais. Ninguém construiu as novas aldeias agrícolas no vale do Rio Montepuez. Os restos enferrujados do plantio foram perdidos, varridos como inútil poeira no vento de anos de guerra civil que têm banhado de sangue a região. Os campos

de prisão, arranjados para as meninas de Lourenço Marques, não atraíram a atenção de nenhuma comissão para os direitos humanos. Essas meninas já são velhas, muitas foram completamente esquecidas, sem família nenhuma que chore por elas, e nunca voltarão a ver a grande cidade da sua juventude perdida.

A voz da fadista ensaia peças, gorjeia uma cascata de sinceros apelos e se desintegra em soluços sobre os acordes das guitarras. Na praça, em um assento solitário com vista para o grande estuário, está sentada uma senhora, vestida com um terno de cor clara. Alguns detalhes revelam a sua história de "retornada", nascida em uma família colonial e chegada à Europa na sua tenra
idade. Tem um chapéu antiquado, talvez herdado de sua mãe. Estreita os olhos por trás de um par de óculos escuros, olhando para o pôr do sol. Pensa com nostalgia ao passado, perdido nos ventos quentes e úmidos das monções.

Quanto a mim, estou espreitando em torno enquanto caminho pela Alfama, com meu sossego habitual. Pensativo, ando refletindo. Ainda fico preso pela eterna obsessão de buscar a Semendel, a ave mítica que pode entrar no fogo sem se queimar suas plumas multicoloridas. Estou andando em uma varanda estreita. O muro que a delimita se debruça para o estuário. Sinto-me fora deste mundo, se não fosse o forte cheiro de refogados que emana das casas ao redor. Eu gosto, porque esse aroma proporciona uma sensação de intimidade, sem forçar-me a um contato direto com as pessoas que se escondem por trás das cortinas, e inundam a estrada com as vozes de suas

conversas, com brigas e palavras de amor.

O caminho parece terminar no vácuo e, em vez, termina com um cotovelo apertado. Eu me encontro em um largo, invadido por rajadas de guitarra e notas cheias de saudade que, como o aroma do refogado, chegam dos recessos de um outro mundo, separado, paralelo e invisível. Não posso ver o jogador nem a cantora, na sala no primeiro andar, mas posso mover-me na onda da música, sem eles me verem. Todos os meus sentidos são fundidos com sentimentos e vida.

No meio de um verso apaixonado do fado, fico com a silhueta da mulher sentada no banco, com luz de fundo em um halo de fogo. Reconheço, como se eu a tivesse espiado por toda a vida, por trás da tela de consciência. É a menina dos meus sonhos, de chapéu de abas largas. Ela olha para o mar distante, como um velho lobo do mar, como as mulheres que - em tempos passados - olhavam para o regresso dos seus homens no fundo do oceano azul. De repente me sinto piruetado na parábola dos sonhos, expectativas, ilusões, dos potenciais inexplorados. Não pode ser um evento real, que aconteça mesmo comigo, e com
ela, naquele momento, nesta pequena varanda com vista para o estuário, como sobra a cena de um teatro. Eu me sinto um pouco afora do meu lugar: não tenho um chapéu de plumas de tirar com um gesto ostentoso, nem seria capaz de me ajoelhar diante da mulher, como para arrancar aplausos de um público que não existe.

Avanço devagar, com a prudência do veterano. Meus pensamentos, lembranças, sonhos, sentimentos, tudo é agitado, abalado, em uma onda única.

Desajeitado, envergonhado, me apoio sobre a balaustrada do miradouro, a poucos passos da senhora. Ela se deu conta da minha presencia, olha para mim, como esperando uma primeira palavra dos meus lábios. A ansiedade é quase palpável no ar, como o cheiro do alho refogado, ou como as notas afastadas de uma degola, dispersa na memória do tempo. Ela esboça um sorriso tímido, um aceno da cabeça, e eu encontro a coragem para perguntar, com a voz trêmula e incerta do primeiro encontro: - A senhora se lembra de Bilibiza? –

Alberto Arecchi

Alessandro Diniz nasceu em Passa Quatro, cidade pequena no sul de Minas Gerais, onde, desde criança, ouvia os causos de assombrações contados por seus familiares mais velhos. Graduado em TI, ele é aficcionado por tecnologia e computadores, mas sua paixão verdadeira está na escrita e nos livros. Fã de histórias de terror, crimes e mistério, leu muitos livros do autor americano Stephen King, da escritora Agatha Christie e muitos outros autores. Alessandro teve sua primeira publicação na antologia "Atmosfera Fantasma - Livro de Assombrações", pela Círculo Soturnos, além de ser autor do livro de poesias "Ilusões... e outras realidades" e idealizador e organizador da antologia "Vultos e Sombras".
Contato: https://www.facebook.com/alessandro.diniz.779/

TRADIÇÃO

Era mais uma tarde quente de um dia qualquer na Índia, Súria, sentada sobre um tapete velho, envolvida pelas lembranças dolorosas que maquiavam seu rosto com olheiras profundas de uma tristeza sem fim. Não. Você nunca sentiu tamanha dor. E não conheço ninguém que tenha sentido. Ela podia lembrar-se dos últimos dias antes do começo de sua pena em viver por todo o resto de sua vida carregando essa culpa por ser fraca, pequena, mulher. O bebê que carregava durante nove meses, agora, chutava mais e mais e se remexia, inquieto, como se quisesse logo sair. Talvez pudesse pressentir o futuro sombrio que o aguardava, cruel, seco, frio. E na noite em que nasceu... Ah, que noite terrível! Súria preferiria nunca ter nascido, para nunca ter dado à luz uma menina como primeiro filho. Ela quis tanto que fosse um menino. Sua sogra pegou a recém-nascida e a colocou numa caixa. As cunhadas a seguiram. Súria chorou. Não pôde sequer ver o rosto da

filha. É a tradição, disse para si mesma, muitas vezes. O que ela poderia fazer? Sem família, pobre, morando numa roça desolada, franzina, esposa. Era um nada. E por isso mesmo, nada poderia fazer. Era como ela se sentia. Um nada.

– Mulher não trabalha, não traz dinheiro à família. É mais uma boca para sustentar. E depois tem que casar. - disse a sogra. – É a tradição. - sentenciou ela.

A velha colocou a caixa em um canto qualquer lá fora e a cobriu com terra. Voltaria depois, no outro dia, antes do nascer do Sol, para pegá-la e enterrá-la em outro canto qualquer. Lavaria as mãos e os pés e tomaria a primeira refeição do dia.

Alessandro Diniz

Aline Bischoff é uma artista paulista que atua em múltiplas linguagens artísticas, tais como: música, literatura, teatro, artes plásticas e visuais. Na literatura a sua preferência é pela poesia e prosa poética. Possui obras publicadas em blogs, revistas, jornais, antologias e coletâneas, com diversas premiações em concursos e festivais, tanto nacionais como internacionais. É colaboradora oficial do blog de produção textual Escrita Cafeína. É embaixadora da Rima Jotabé no Brasil, estilo poético criado pelo espanhol Juan Benito Rodríguez Manzanares, e promoveu este ano, o primeiro concurso literário, com o objetivo de difundir este estilo poético também em nosso país. Participa semanalmente do programa Estúdio Revolução, transmitido pela Web Rádio Bela e Rádio Revolução Web FM, com apresentação e produção de Luiz Orlando Borges, com covers de canções e declamações de poesias autorais. É coralista do Coral da Universidade de São Paulo - CORALUSP, do grupo Zimana, do regente Alberto Luís da Cunha.

SONETO DO AMOR SOBRE A CHUVA

Que a chuva caia sobre mim, como uma dádiva refrescante,
Lavando lembranças e receios, renovando todo o meu ser.
De braços abertos eu a recebo, num terno abraço edificante
Que escorre e se desmancha, num sorriso que vem a nascer.

Assim nos meus lábios agradecidos, surge uma nova canção,
Purificada por essa límpida substância bendita e miraculosa,
Ritmada pelo som das gotas caindo em constante sucessão,
Harmonizada por essa torrencial energia benéfica e aquosa.

A melodia recém-criada, viajaria profusa por entre as nuvens.
Ela saberia intuitivamente o caminho por onde ela trilharia,
Levando até uma janela desconhecida molhadas mensagens.

Que seriam depositadas com um beijo ardente e vivificante,
Redimido pela pureza de um amor resistente às intempéries,
Que tal como a música, seria eterno, impetuoso e vibrante!

Aline Bischoff

Amora Ins é escritora e amante dos livros e das letras. Escreve desde os dez anos de idade e desde então nunca parou e não tem a intenção de parar. Possui contos e crônicas publicadas em coletâneas nacionais e internacionais e acredita que o mundo pode ser um lugar melhor para viver quando transformamos sonhos em realidade.
Página no Facebook: Contos de Amora Ins

A PEDRA

Em todos os anos, nas minhas férias escolares, fazíamos passeios semanais diferentes pelo interior do estado visitando plantações, aldeias ou fazendas antigas, sempre era um passeio rural. Esses passeios eram feitos nos finais de semana porque precisavam obedecer três critérios: o meu pai não estar trabalhando, a temperatura e o clima estar bem amenos e a minha mãe concordar com o destino escolhido. Eles sempre convidavam um dos nossos parentes para nos acompanhar e quase sempre eram os mais velhos. Ora, minha tia-avó, ora uma prima do meu pai, era sempre uma nova aventura e uma surpresa e eu sempre ficava entusiasmada no dia desses passeios. Eles nunca eram demasiados longos, no máximo eram realizados em dois dias.

Naquele final de semana a convidada para o passeio era uma velha tia do meu pai. A mais velha delas. Eu não a conhecia pessoalmente, só a tinha visto em fotos antigas e tinha certeza, que pelo passar dos anos, agora ela estaria muito diferente.

Fomos à caminho de uma antiga fazenda que cultivava café há tempos, lugar muito comum naquela região do estado.

Pelo caminho, se via muitas outras plantações, todas de grandes proporções e muito bonitas. O meu pai, como sempre fazia, conduzia o carro muito lentamente e justificava sua condução dizendo que era para que todos nós pudéssemos apreciar melhor a natureza e o passeio.

A tia do meu pai estava sentada ao meu lado, no banco de trás do carro com a cabeça voltada para a janela, observando atentamente a paisagem como se procurasse alguma coisa. Não falava e não virava a cabeça na minha direção. Achei estranho, mais não comentei. Estávamos todos bem e felizes e isso era o que importava.

Em certo momento daquela manhã, próximo do horário do almoço, foi preciso abastecer o carro. Paramos em um posto de gasolina com uma bela padaria. Meus pais aproveitaram a oportunidade para tomarem um cafezinho. Minha mãe nos convidou para entrar, mais a tia apressadamente respondeu que preferia ficar ali fora e dar uma volta para apreciar a natureza. Para minha surpresa, virou-se para mim e perguntou se eu podia acompanhá-la. Sem saber como reagir, abanei a cabeça confirmando que sim, mesmo louca para comer uns docinhos na padaria.

Ficamos passeando nas imediações do posto de gasolina e da padaria que tinha um jardim impecável recheado por bromélias, margaridas, rosas e uma infinidade de folhagens desconhecidas que conferiam a tudo ali um ambiente muito acolhedor e agradável. A tia ia mais a frente, olhando para o chão e a passos rápidos. Parecia novamente que estava à

procura de alguma coisa. Aquele comportamento me chamou a atenção, deixei o jardim de lado e comecei a andar mais rápido para alcançá-la. Já tínhamos nos distanciado um pouco mais do posto de gasolina e da padaria.

Via o carro do meu pai estacionado lá, mais já não os via. Estávamos distante. Cheguei ao pé da tia e antes de pedir para voltarmos, percebi que ela realmente estava á procura de alguma coisa e acompanhei o seu olhar para tentar adivinhar o que era. Eu já tinha treze anos, não era nenhuma criança, alguma coisa estranha estava acontecendo. Talvez ela estivesse à procura de algum ninho de aves, algum pássaro raro ou alguma planta exótica. Quando enfim eu pensei em perguntar o que ela estava procurando, ela gritou: achei! Achei! Eu estava a poucos passos de distância e levei um grande susto. Olhei para os lados e não havia nada e nem ninguém. Dei mais alguns passos para me aproximar dela imaginando que ela tivesse encontrado um bicho, um lagarto, um escorpião sabe-se lá o quê. Quando cheguei ao seu lado a vi apontar para uma pedra. Uma pedra? Não era uma pedra qualquer não senhor. Era uma pedra de cor branca translúcida, de forma arredondada num círculo quase perfeito, com marcas finas na sua superfície e sem nenhuma vegetação habitando na sua parte frontal. Era extremamente lisa e limpa, como se tivesse sido colocada ali por alguém, não parecia produto da natureza. Tinha aproximadamente um metro de circunferência e quase um metro e meio de altura. Era

diferente de qualquer outra pedra que eu já tinha visto na vida. Fiquei intrigada com o aspecto dela e com a alegria que a tia manifestou ao encontrá-la. Ela estava ali, sentada no chão, no meio do mato tentando abraçar a pedra e com um sorriso nos lábios intrigante, parecia até outra pessoa. Aproximei-me lentamente e perguntei para ela com muita calma a que estava acontecendo e por que ela estava tentando abraçar aquela pedra. Para minha surpresa ela respondeu-me efusivamente e com uma voz vibrante de felicidade que aquela pedra era a sua avó. Fiquei parada ali, no meio de toda aquela natureza, estática e a espera de alguma reação de engano por parte dela, que não aconteceu. Ela continuou ali, ao lado da pedra, com um sorriso feliz nos lábios como se fosse o comportamento mais normal do mundo. Eu fiquei sem reação. Não sabia o que fazer. Olhava para aquela cena inusitada e não acreditava.

Passado alguns minutos ela levantou-se, deu uma olhada demorada para a pedra com ar de despedida e me disse que estava agora satisfeita, pois tinha cumprido a sua promessa. E me convidou para retornar a padaria.

Eu caminhei ao lado dela até o encontro dos meus pais apressadamente, pois tinha certeza que meus pais não tinham noção do quanto à tia estava doente. Achei melhor não falar e não perguntar nada para ela no caminho de volta.

Quando entramos na padaria, encontrei meus pais relaxados e bebendo café e comendo docinhos. A minha cara de espanto suscitou dúvidas na minha mãe, que

percebeu que algo tinha acontecido. Obviamente que eu estava ansiosa para avisar aos meus pais que a tia não estava bem da cabeça e contar em detalhes, o que tinha acontecido lá fora.

Esperei. Num determinado momento a tia levantou-se e foi ao banheiro. Era minha chance. Aproximei-me o máximo possível dos meus pais e disse que havia presenciado uma coisa inacreditável com a tia. Meus pais se entreolharam e sorriram uma para o outro com um ar cúmplice e me perguntaram se ela a tinha encontrado. Surpresa com essa indagação, perguntei se eles já sabiam o que tinha acontecido. Foi o meu pai que começou a me contar. E disse que os seus ancestrais quando morriam de velhice, se transformavam em pedras. E que o nosso coração, depois de certa idade na vida, sempre nos guiava para uma direção de reencontrá-los algum dia, como tinha acontecido com a tia. Era por esse motivo que estávamos sempre a passear, porque estamos sempre a procurar uns pelos outros e desta forma resgatamos a identidade da nossa família. A tia era a integrante mais velha da nossa família agora, já que avó morreu. E agora, depois dessa descoberta, foi dada á você a missão de reencontrar a tia, quando ela morrer.

Espantada com aquilo que eu ouvia, mas ao mesmo tempo sendo tomada por uma indescritível sensação de paz e consciência, ouvi a voz suave da minha mãe me dizendo baixinho ao ouvido: “Acorda Anna, que já está na hora de ir para a escola”.

Amora Ins

Ana F. Pinheiro, nasceu em 1985, em Almancil, Loulé. Casada, mãe de dois rapazes, licenciou-se em Educação Social; atualmente exerce funções de Diretora Técnica numa IPSS. Apaixonada pela leitura, descobriu o prazer da escrita com a participação no Concurso de Escrita Criativa Poeta António Aleixo. Permitiu-se soltar as suas palavras, pondo a sua "Escrita em Ação" e percebeu que é a escrever que se sente completa, feliz e realizada. Tem tentado a sua sorte com a participação noutros concursos literários, tendo também colaborado, como primeira experiência no mundo literário, numa coletânea de contos, enquanto autora de um conto, a ser lançada em breve. Também é uma das novas vozes que integra uma nova revista literária, a ser lançada para o mercado. Determinada em desbravar caminho no mundo da escrita e dos livros, tem como objetivo aliar a escrita à culinária, através da partilha de saberes e sabores. Tem na mãe, filhos e marido, o maior suporte, força e foco para lutar pelos seus sonhos.
afapi1985@gmail.com

UM CHALÉ NA MONTANHA

As bátegas violentas que caem no vidro confundem-se com as lágrimas que assolam o meu rosto. Conduzo às pressas, sem pressa de chegar. Não sei para onde vou, apenas sei que quero ir. Nas curvas da serra o motor ronca cansado. Assemelha-se ao bater do meu coração, que ruge descompassado. A dor que me trespassa, dilacera todo o meu ser. Não podia ter sido assim. Não desta forma.

Recordo com nitidez, as palavras duras e amargas expelidas do teu âmago. Quanta raiva me corrói por não ter sido mais forte, por não ter conseguido segurar o choro descontrolado em que me afundei, por ter permitido que me visses frágil, vergada a ti. Três anos de relação intensa, vividos entusiasticamente (pelo menos por mim), não se amarrotam e deitam no caixote do lixo qual guardanapo sujo, onde acabamos de limpar a boca.

A chuva engrossa, o vento uiva, e assusto-me quando ouço, ao longe, o primeiro trovão. O relâmpago que o persegue é de tal forma brilhante, que ilumina a estrada à minha frente. O frio lá fora é tão intenso, que o vidro do carro congela. Acende-se uma luz amarela no painel do carro, que indica que a temperatura exterior caiu abaixo dos cinco graus. É melhor encostar o carro e preparar-me para passar a noite no meio da serra. Ou isso, ou espeto-me numa árvore qualquer. Entre uma e outra, a perspectiva é acabar sozinha, sem ninguém que me possa valer.

Um raio mais forte que o anterior, descortina aquilo que me parece um portão aberto de par em par. Travo a fundo, as rodas derrapam no alcatrão molhado e quase empurro a cerca com violência. Talvez não seja má ideia parar e pedir abrigo. Com sorte, pode ser que esteja alguém em casa.

Imagino uma lareira acesa, um chá quente e torradas banhadas em manteiga. A ideia faz-se sorrir.

Entro pelo portão silencioso. Não vislumbro qualquer luz na casa, o que me faz esmorecer. Consulto o relógio. O mostrador indica-me que passam trinta e oito minutos da meia noite. É possível que estejam a dormir. Quão inoportuno será bater à porta de uma família a dormir, a meio de uma noite de tempestade? O ronco protuberante dos trovões mesmo por cima da minha cabeça, dissipa-me as dúvidas. Não me resta alternativa, tenho que bater à porta, o contrário é demasiado aterrador. Depois de me explicar e pedir desculpa, por certo entenderão.

Paro o carro perto da porta. Deve haver uma explicação lógica para não ver nenhum carro nas imediações, mas não me demoro em tentar encontrá-la. É vital tentar proteger-me da chuva que me fustiga todo o corpo, enquanto sinto as botas ensopadas.

Alcanço a porta com dificuldade, depois de quase me estatelar numa imensa poça de lama. Três pancadas secas, e colo o ouvido à porta, ansiando pela resposta. O frio entranha-se-me nos ossos e começo a saltitar ora num pé, ora noutro, numa tentativa de não enregelar completamente. De dentro da casa, não se houve qualquer movimento. Começo a desesperar. Terá sido mesmo boa ideia bater àquela porta?

Um som abafado, como que um gemido, sobressalta-me. O que poderá ser? Quem poderá andar por ali debaixo de uma tempestade? Apuro o ouvido e esqueço por momentos a tempestade que ruge. Deixo-me guiar por aquele som aflito, que me leva até um emaranhado de silvas e trepadeiras. Uns olhinhos faiscantes suplicam por ajuda. Ignoro por completo a tormenta e dirijo a minha atenção ao pequeno ser que depende de mim para sobreviver. Quem sabe se eu também não dependerei dele?

Uns puxões e um braço ensanguentado depois, e eis que tenho no meu colo um portento exemplar da raça canina, na forma de um pequeno cachorrinho branco, que se saracoteia assustado no meu colo. Reparo que tem uma pata ferida. O ribombar de mais um trovão relembra-me

que estou ao relento, no meio da serra, completamente desprotegida. É urgente entrar na casa. Aflita, corro de novo para a porta, que quase deito abaixo com os murros pungentes que lhe desfiro. É inútil. Se estivesse alguém em casa, por certo teria acordado com a chinfrineira que fiz. O desespero apodera-se de mim.

Equaciono voltar para o carro, o que se revela inútil porque este não arranca. As lágrimas caem a quatro e quatro. Já nem recordo a angústia tresloucada que me fez enveredar por caminhos da serra. A ânsia de me sentir perdida e sem esperança de sair viva desta noite, atemoriza-me.

Num misto de loucura e desespero, dou a volta à casa, em busca de uma porta de salvação. E eis que, para meu alívio, a maçaneta da porta das traseiras cede aos meus impulsos, escancarando-se diante dos meus olhos chorosos. Sem pensar, precipito-me para dentro.

Tateio em redor, no anseio por um interruptor que ilumine os aposentos. À terceira tentativa percebo que a casa não tem luz. Às escuras, vagueio pelas divisões, até descortinar o que me parecem ser uns restos de vela num castiçal. Por sorte, trago um isqueiro na mala. Acendo a vela numa aflição. Percebo que me encontro numa espécie de hall, com portas a todo o redor. Esqueço o medo, o frio e até a tempestade que se agita lá fora. Uma por uma, abro-as todas e, em cada divisão, vestígios familiares deixam-me alerta.

Na cozinha quase desconjuntada, reconheço os tachos de cobre iguais aos da minha mãe. Na casa de banho, os

azulejos de flores laranjas são semelhantes aos meus. Fico inquieta com tamanha analogia. Passo por três quartos e em todos eles há algo que me perturba. A última porta que abro, dá para uma sala estonteante, com janelas até ao chão, cobertas com grossas cortinas de veludo vermelho escuro. A mão que segura a vela, de tal forma tremelica, que a sala se inunda de sombras disformes, aumentando o meu terror. No meu braço, o cachorrinho felpudo dorme tranquilamente.

Ao fundo da sala, descortino a lareira. Penso logo como acendê-la para me aquecer. Para meu grande espanto, à direita encontro um grande cesto cheio de lenha, como que acabado de cortar. Parece que está à minha espera. Começo a remexer a cinza que está na lareira e apercebo-me que há brasas por baixo, ainda quentes. Não há dúvida, alguém esteve ali antes de mim. “E se quem cá esteve ainda volta!?”, assusto-me com o pensamento que me assola.

Afasto os pensamentos negros e começo a preparar o fogo. Mas um peso na nuca faz-me voltar a cabeça. É então que vejo uns olhos fitos em mim. Como que hipnotizada, dirijo-me à moldura que está em cima do piano. Pego-lhe e grito arregalada. Na fotografia estou eu, anos mais velha, é certo, mas sou eu, não há dúvida. O que se passa aqui? Que casa estranha é esta? Só me apetece fugir daqui, mas ao mesmo tempo sou invadida por uma paz tranquilizadora.

Esqueço a foto, termino de acender o lume, trato do cachorrinho, e estendo-me no sofá. Umas horas de sono vão fazer-me bem. Sinto-me tão relaxada que nem me lembro da discussão desta tarde. Parece que foi noutra vida. Adormeço. Sou despertada pelo rodar de uma chave na fechadura, que me sobressalta. Soergo-me, e fico apoiada nos cotovelos. Rodo a cabeça e vejo o Artur, com uma cesta de piquenique. Lá fora o dia clareia por entre as frinchas das cortinas.

— Carolina, meu amor, sabia que virias. Acompanhas-me numa dança?

Sem pestanejar, entrego-lhe a minha dança.

Ana Faísca Pinheiro

Ana Marta, nascida em Sintra a 22 de Abril de 1971 e mãe de 3 filhos, desde cedo revelou o seu interesse pela escrita e pela Literatura, começando por escrever pequenos poemas durante a adolescência, época em que estudava Literatura Portuguesa. Ávida leitora desde que aprendeu a ler, sempre consumiu livros dos mais variados géneros literários e escrevia, em diários, textos sobre o que o seu coração sentia. Autora da Página de Facebook ANA MARTA e Blogue ANA MARTA, Inexplicavelmente.
https://anamarta2020inexplicavelmente.blogspot.com/
Cronista na revista REPÓRTER SOMBRA e, em 2020, lança o seu primeiro livro "Inexplicavelmente". Participação nas coletâneas: “Conexões Atlânticas V – 2020”; “Pandemia de Palavras – 2020”; “Toca a Escrever – 2021” e “Mulheres a uma só Voz – 2021”



RETICÊNCIAS

Quero acabar com as reticências da vida,
Aqueles pontinhos que nunca completam, que nunca definem.
Vou aguentar as interrogações, que me permitam voar nas dúvidas e me deixam perpetuar o pensamento ou, quem sabe, o sonho que és em mim.
Mas o que eu quero, realmente, são onomatopeias de prazer em forma de exclamação e vírgulas que somem, enumerem, cada momento em ti.
Quero entender, onomasticamente, esse anagrama que, de tão espontâneo, me transforma numa lunática incorrigível.
Tantas são as metáforas, do meu ser, que me expõem e me fragilizam no que já está cristalizado.
Não existem hipérboles que se aproximem deste sentimento luminoso que cresceu em mim.
Odeio as reticências e a sua indefinição...
Quero palavras inequívocas e ideias concretas sobre o que me irá levar no eufemismo que é a morte anunciada.
Quero morrer sem reticências, quero que o meu ponto final se transforme numa enorme exclamação!

Ana Marta

Augusto Filipe Gonçalves, tem 37 anos, é jurista, natural e residente em Penafiel.
Autor do Livro: Sofia, A Visão Poética Filosófica
Coautor: Antologias: Liberdade, Entre o Sono e o Sonho, Quarentena Memórias de Um País Confinado, Enquanto Espero, Antologia de Poesia 2020
Coletânea: Três Quartos de Um Amor
Revistas: Ecos da Palavra (nº1, Verão o mar e o Amor, Folhas de Outono),
Projeto AutoEstima

IMPERFEITOS? AINDA BEM

Cada um nos seus jeitos,
No seu agir, pensar e sentir,
Mas por isso vale a pena lutar,
Vale a pena esforçar,
Para lutar contra a nossa natureza,
Pois batalhar contra a imperfeição,
É uma grande missão,
Tem até intelectual beleza.

Pergunto-me em diversas ocasiões,
Em múltiplas situações,
Como seria o mundo perfeito?
Não valeria a pena lutar,
Não tínhamos o que ambicionar,
Nem sequer daríamos valor,
A tudo quanto tínhamos ao dispor,
Pois não fora conquistado,
Nada tínhamos enfrentado,
E sendo nossa natureza de ação,
Parados, sentiríamos frustração.

Augusto Filipe Gonçalves

Carlos Eugenio Vilarinho Fortes – (Carlos Vilarinho). Advogado e poeta. Pai do Ícaro, do Martim, da Ana Clara e do Théo. Reside em Palmeira das Missões – RS. - Coletânea *501 Poetrix para ler antes do amanhecer*. - Coletânea *Fagulhas Poéticas*, vol. II. - Antologia Poetrix 5. – Livros individuais: *Meia-lua*, ed. Viseu/2018, e Sentimentos Indecifráveis (2008 – Ingrapal). – Coluna "Poesia do Vila" no jornal A Madrugada de Palmeira das Missões /RS. - Publicações no site Recanto das Letras – recantodasletras.com.br/autores/vila; no Twitter (@chevilarinho), no Instagram e no Facebook.

BIOGRAFIA

fio condutor
da meada
a válvula de escape
o oxigênio

foram para o revisor
umas linhas
sem subscrição

elegia à esquizofrenia
nossa
de cada dia
perpétuo pálido paradoxo

as ideias foram
variegas
épico monograma
drama
comédia tragédia
grega
gaiteiro galego

sem contato
tato
muda toda hora
o retrato

foram por engano
foi uma biografia
roubada.

Carlos Vilarinho

Carolina Pessôa Mulatinho. Jornalista concursada na Empresa Brasil de Comunicação, formada na Uerj, pós graduada em Roteiro para Cinema e TV e em Sociologia. Atualmente cursando especialização em Escrita Criativa no NESPE. Carolina Pessôa fez teatro durante dez anos e agora se lança como escritora. Já foi selecionada nos concursos Ecos da Palavra e na Revista Pulp Fiction. Como atriz, participou de peças como Melodrama, de Filipe Miguez, e Maratona, de Naum Alves de Souza. Escritora em início de carreira, acaba de publicar o livro À Beira da Vida, pela Editora Guardião, e já prepara outras obras. Sua escrita é repleta de referências ao amor, separação, psicologia, morte, superação e amor próprio.
https://www.facebook.com/carolina.pessoa.1614
carolinapessoa.jornal@gmail.com

PRAZER

Nina era uma menina tímida. Dedicada, estudiosa, delicada... Daquelas que se escondem por trás de pesados óculos de grau e roupas sem corte.

Usava, claro, aparelho dentário.

Tudo se passava como em uma história comum, estilo sessão da tarde. Nem boa nem ruim, apenas aceitável. Ela ia vivendo a vida com calma, pensando no melhor pra si e pra sua família, mas sem muita ansiedade.

Foi quando eu a conheci. E passei a observá-la a todo tempo. De longe, calado, vi nascer um brilho diferente naqueles grandes olhos pretos. Nos lábios, um batom mais forte, de uma cor nunca antes usada pela menina. Estava mais feminina. Nina...E da camisa do seu uniforme saltava um decote, de um botão que antes sempre estivera fechado.

Sempre fui uma menina fechada. Obediente. Quieta.

Não me preocupava com roupas sensuais, maquiagem ou perfume. Vivia para minha família e poucos amigos. Quase não tinha diversões. Apenas estudava, praticava esportes, ajudava minha irmã mais nova com os exercícios de casa. Aos finais de semana, visitava meus avós.

Foi quando eu o conheci. Parecia não me perceber. Ou será que, disfarçado, já me via? Senti, pela primeira vez, ao olhar para um homem, uma espécie de choque elétrico percorrendo meu corpo. Será que essa isso que algumas amigas chamavam de tesão?

Assombrada pelo susto da descoberta, me escondia dele a todo instante. Queria fugir daquele sentimento maluco desconhecido por um desconhecido.

Socorro!

A cada corredor da escola, o coração sobressaltava! Que medo de esbarrar com ele, não saberia o que fazer. Mas, um dia, a vontade foi maior.

Era uma tarde de chuva pesada. Os alunos foram orientados a permanecerem. Mas, aos poucos, a tempestade diminuía e eles começavam a sair, um por um. Alguns por conta própria, outros com os pais.

Na sala do grêmio, aos poucos, ficamos só eu e Nina. Ela com seu batom e seu decote. Eu, com minha virgindade, vergonha, e aquele desejo que me comia.

A chuva diminuía aos poucos. Eu já podia ir embora, mas naquele dia, apesar do temor, eu fui preparado para o novo. Mudei um pouco a roupa, o batom. Íamos ficar sozinhos. E eu, sequer havia dado um beijo.

“O último aluno saiu. Me aproximei dela. A sensação crescia”, “Vi que ele chegava perto. Não sabia o que fazer”. “Novamente veio o choque elétrico”. “Coloquei a mão em seu rosto, desci pela cintura”. “A mão quente deslizou pela minha face”. Quando percebi, já havia percorrido as costas”. “O hálito era doce”. “A boca era úmida”.

Sentimos.

Carolina Pessôa Mulatinho



Cecília Maria Pereira Pestana nasceu a 4 de Dezembro de 1957, Torres Novas, distrito de Santarém. Passou a infância em Torres Novas, Lourenço Marques (Maputo), Águeda, e reside na cidade do Funchal, Ilha da Madeira, desde os 9 anos de idade. Amante de leitura de poesia, começou a escrever aos 14 anos de idade. É coautora de cerca de 40 antologias e coletâneas, em Portugal e no Estrangeiro, e dez e.books. Publicou o seu primeiro livro de Poesia "A Voz do Poeta ", Fevereiro de 2020. Membro de várias Academias.

ASAS DE MAGIA

Regresso de além-mar
Com asas de magia a emanar
Rasgos de ardente poesia a cismar
Eterno prazer de te encontrar
Sabor de desejo num abraçar
Beijo ardente a delirar
Pra teus braços poder voltar
Ai, alucinadas noites de luar
Meu amor, meu amor vem sonhar
Canto pra ti poemas, versos, rimas no ar
Escaldante estado selvagem iriei exortar
Nosso amor ficará a perscrutar
Profundezas irreais onde iremos voar
Suspiros, voos, desejos aguçar…
Nosso amor vamos partilhar
Pra que toda a gente possa invocar
Em nós, este amor peculiar
Amor assim aliado, sem hesitar!...

Cecília Pestana

Clara G. David. Eterna sonhadora, atualmente estou em um processo de mergulho no mundo da escrita para expressar sentimentos e vivências.

Assobiando praça afora numa tarde de primavera. Museus por todos os lados. É incrível como arte inspira arte. E é por isso que você está aqui, esperando por mim. Não é nossa 1ª vez, mas ainda não fomos adiante. Adoro como você passa a ponta dos dedos pelo meu rosto. Eu quero reagir, mas não consigo. Vem mandar em mim. Até que você fala que precisa ir; para onde? “Nos vemos mais tarde”. Você vai embora e me embriaga com seu perfume. Óculos escuros, jeans apertado, blusa branca. É simples e me machuca de tão perfeita. Você disse que me encontrava depois. Quanto tempo preciso esperar?

Fico sentado nesse banco, assobiando, pensando em como te conquistar. Disse que era uma festinha. Mas quando eu chego lá, todos olham para você. Tão quente, preciso desabotoar o botão de cima. Quando você vai me beijar? “Eles vão nos ver”. Você me pega pela mão, sussurra no meu ouvido. E olha nos meus olhos. Você sabe o que faz. Mas eu não vou dar um passo, porque hoje você é minha dona. Dona de tudo. Puxa a minha blusa, me traz para perto. Suor. As gotas escorrem por mim. Preciso respirar. Mas você não deixa. Eu só consigo olhar a lua e pensar no que você faz comigo. Foi embora. Como você faz isso?

Balança meu mundo.

Criaturas da noite, ela manda mensagem às 02AM. Por que você me machuca? Por que me afasta? O que mais preciso fazer para você saber que sou seu? “Quero te ver”. Também quero. Será que dessa vez ela vai encostar em mim e não me largar mais? Se ela me desabotoar, não vou saber me vestir depois. Ela só ri. Você me doma. No shopping, tomando sorvete. *Converse* preto. Ela aponta para todos os lados. Quer saber de tudo. Quer ver tudo. Ao andar ao seu lado, sinto que sou eu quem tem tudo. Mas eu preciso saber se te tenho. Você não tem vergonha. Encosta em mim, esfrega nossos corpos.

Tensiona meu mundo.

Onde vai me levar hoje? Festa? Ela é tão solta. Eu nunca senti alguém assim. Mas se eu chego perto, ela brinca comigo. Seus olhos castanhos me olham. Seu cabelo cacheado balança de um lado pro outro enquanto você se mexe na minha frente. Usa perfume. Forte o suficiente para eu sentir a meio metro de distância. Ela anda na ponta dos pés. Vive livre. Posso ser seu? Me puxa pelo braço. Fomos para o parque. O que você quiser, eu quero. Seu quadril encostando em mim no brinquedo. Quando todos forem embora, você continuará ao meu lado? Está ficando tarde. Ela é uma gata. Vem quando quer. Vai quando bem entender. Dessa vez ela me deu um beijo que eu não consigo esquecer.

Quero mais de você.

Fala. Eu faço. No seu carro, tocando aquelas músicas que só você ouve. *OnlyOneOf*, *bOss*. Sua mão em mim. Seus anéis brilhando. Seu estilo. Seu jeito. Quero mais. Me faz pedir, implorar, porque você gosta desse jeito. Assobiando, cortamos a cidade. Estou na palma da sua mão. Para o carro. Prende o cabelo num rabo de cavalo e eu não sei lidar com isso. Bota os óculos escuros. Tira selfie comigo. Me segura. (Beijo). Tira tudo de mim. E me devolve. “Eu quero você”. Como quiser. Tira minha jaqueta preta, que você diz que adora. Mexe
comigo. Posso ficar? Quero dormir aqui. É claro que não vou perguntar. Seu ap. Sua sacada. Nós. Mais. Uma. Vez. Você não cansa? Balança tudo para mim e passa as mãos pelo meu cabelo. Arrepia. “Adoro seu cabelo assim”, batendo no pescoço. Você gosta dos meus tênis. Pega a minha jaqueta. Veste com nada por baixo. Pega água. Na sua cama, ficamos conversando e você me acariciando sem malícia. Voz doce.

“Quero te ter por perto”.

Clara G. David

Cristiane Ventre Porcini. Nasceu em São Paulo e desde cedo manifestou interesse por desenho e pintura. Fez aulas de desenho e pintura com o artista plástico William Pereira. Ganhou Menção Honrosa com as telas "Bailarinas" (2019) e "Casal Dançando Valsa (2021), Exposições Coletivas na Associação Paulista de Belas Artes.
Participações em 2021: Exposição online Senhora Secreta – um olhar para as estrelas pela Galeria ICASAA, de Porto Alegre com a tela "Cleópatra". Painel Coletivo "o mundo pelo olhar da mulher", que ficou no Youtube com as telas "Casal Dançando Valsa" e "Cleópatra" que foi promovido pela Biblioteca Juscelino Kubitschek e Prefeitura de Uberlândia – Minas Gerais. Salão do Pinhão – a Mata das Araucárias – Símbolo da Serra da Mantiqueira com a tela "Descanso na Serra da Mantiqueira", promovido pelo Centro Cultural Visconde de Mauá – cidade de Resende – Rio de Janeiro. Publicação do texto "Pandemia – a arte cultural e sua inovação, inspiração versos vazio da essência das artes" pela Revista online Ecos da Palavra, de Portugal.



O BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

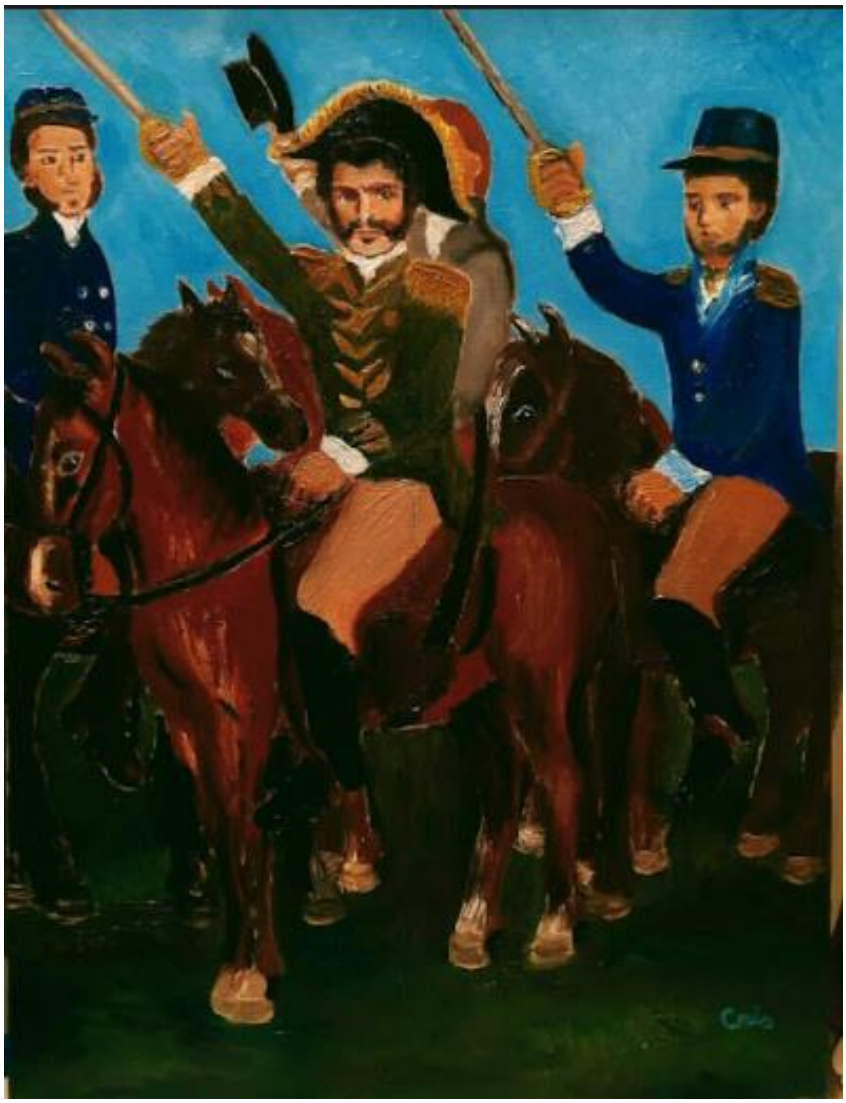
Duzentos anos nos separam do evento que ficou conhecido como “Grito do Ipiranga”.
Em 7 de setembro de 1822, D. Pedro I declarava que o Brasil deixava de ser colônia de Portugal.
Antes do processo de Independência do Brasil, ocorreu a mudança da corte portuguesa para o Brasil, em 1808, em decorrência da invasão das tropas francesas que invadiram Portugal.
A chegada da corte portuguesa ao Brasil possibilitou a abertura do comércio, com o fim do pacto colonial, e trouxe novos planos para o Rio de Janeiro.
O Rio de Janeiro tornou-se a capital do reino de Portugal, e a partir daí ganhou universidades, teatros, edifícios públicos, instituições como o Jardim Botânico, a Imprensa Régia e a instalação da Real Biblioteca. D. João VI trouxe da Europa os primeiros instrumentos de impressão do Brasil, além de um acervo de cerca de 60 mil peças.
Em 1820, na cidade do Porto, em Portugal, uma revolução exigia o retorno de D. João VI e havia ideias de recolonizar o Brasil.
Em 1822, D. Pedro I declarou a Independência do Brasil e posteriormente outorgou a Primeira Constituição Brasileira.
A Constituição de 1824 tinha o Poder Moderador, que cedia direitos políticos plenos ao Imperador. Além do

Voto Censitário, que atribuía critérios de renda para que o indivíduo tivesse direito ao voto. Garantia, entretanto, a tolerância religiosa.
D. Pedro I reinou de 1822 a 1831, ano em que abdicou ao trono em favor de seu filho.
A figura de D. Pedro I é cercada de algumas curiosidades. Além de seu nome inteiro extenso, ele tinha grande habilidade para música. Historiadores afirmam que D. Pedro I vivia em movimento e pouco repousava. Aprendeu a tocar inúmeros instrumentos musicais, tais como: piano, flauta, clarinete, violão, cravo, trombone, violino, e compôs o Hino da Independência e o Hino de Portugal.

Passados 200 anos da Independência do Brasil, ainda temos desafios pela frente como aumentar o acesso da população à saúde, à educação de qualidade, extinguir a fome, etc.

Há, portanto, evidentes laços históricos e culturais entre Portugal e Brasil. E certamente as duas nações estarão juntas na comemoração dos 200 anos da Independência.

Cristiane Ventre Porcini



Cristiane Ventre Porcini

Dandara Q. Brandão. Formanda em Psicologia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Bahia, Brasil. Apaixonada por livros desde a infância e escreve poesias desde a adolescência. Acredita que a escrita é o meio pelo qual consegue expressar sentimentos e conectar-se às pessoas.
dandy.fsa@gmail.com

NOVO PERSONAGEM

Desprotegido de si mesmo
Seguindo com caminhar espaçado, desengonçado
O poeta esquecido ganhou as ruas, alcançou pessoas
Olhos ferinos de quem procura sua própria pele
Perambulou por praças e avenidas
Sem atinar quando a realidade o chamava

Até que o sebo da esquina
Chamou a atenção daqueles olhos esbugalhados
Talvez sua própria pele pudesse vestir
De letras e perfume de mofo
Caminhando entre as estantes frias
Buscou capas de heróis, para sua pele revestir

Procurava nos versos e narrativas
Histórias para encantar seu olhar desencantado
Cenários para seu caminhar já desalentado
Personagens que trilhassem aventuras
Para os seus dias desapontados

Sem o agasalho de si,
Tomou quantos livros achou necessário
O clichê, o fantástico ou o trágico?
Queria apenas o seu mundo mágico
Abandonando de si

Um romance medieval
Cantada por trovadores
Ou o cinza das cidades
E seus novos amores

Qualquer cenário lhe servia
Qualquer estranho mundo lhe cabia
Todas as faces lhe vestiam

Gestos e cores
Queria ser todos eles, todos os seus modos
Adentrar naquelas linhas e amores
Entre as sílabas e as vírgulas

Encontrou barcos, enfrentou capitães
Sempre esteve ao lado dos campeões
Enquanto seus olhos estavam presos em ilusões
Desencanado de si

Até que as batalhas épicas perderam fio
Jogado na cama, perdeu todo o brio
Pilhas e mais pilhas se acumulavam
Espalhadas pelo chão
Foi tudo em vão?

Em meio a bagunça de fora, acordou!
Do que adianta vestir novas peles
Enveredar nessas viagens
Se a si mesmo abandonou?

Dandara Q. Brandão

David Leite, nascido e criado em Jandira, região oeste de São Paulo. Fez cursos de Game Design e Audiovisual. È entusiasta em escrever histórias e narrativas, amor herdado da infância de livros e televisão, e da adolescência com o RPG e games. Participa de uma série de antologias com contos, tendo sido menção honrosa no 36º Prêmio Yoshio Takemoto.
https://www.facebook.com/leite.david/

GRADIENTE (OU OS POTES NO FIM DO ARCO-ÍRIS)

O botão emitiu um brilho avermelhado assim que o pressionou, e foi a única coisa que iluminou o corredor. Devia ter queimado as luzes, pensou, e aquele brilho vermelho, tênue, que emanava enquanto aguardava o elevador sugeriu uma sala de revelação fotográfica para ele, como se uma imagem qualquer necessitasse ser revelada em algum papel em sua frente, e aos poucos levitava do fundo de um mergulho em líquido ao mesmo tempo em que o elevador mergulhava no poço para lhe transportar.

Ao entrar no quartíbulo mal iluminado que fez há tempos de morada, arremessa as chaves na mesa, próxima a fruteira munida apenas de laranjas, como uma natureza morta, enrugadas pelo tempo que ali estavam sem jamais clamar pelo gosto de ninguém. Cambaleou de cansaço pelo pequeno corredor que levava ao quarto, iluminado por uma etérea luz amarelada que partia do sobrado vizinho, entrava pela janela calcinada de poluição e dispersava no ar, como um mar, embalando o corredor, tentando regar o ânimo do arrastado homem, da já sem verde planta sobre a cômoda, mas conseguindo apenas dourar de leve o mortificado ambiente.

No quarto, apenas o lumiar da janela, um azul tão escuro, de quase breu, atravessava as anilinas cortinas e se arrastava pela cela, e de tudo o que ali tinha era se visto apenas vulto. Arrasta-se de novo para a janela, abre as cortinas desajeitadas, derrubando os potes de violeta pelo parapeito. Os vê cair lentamente. Se pergunta se os alcançaria, se os salvaria, para que apenas uma vida encontrasse aquele chão, da cor que ele próprio, dali a um dia, ardido pela chama do crematório, teria.

Cinza.

Fim

David Firmino da Silva Leite

Elaene Suzete de Oliveira Pereira
Pseudônimo PRETA
Pedro Leopoldo MG
Nasci em Morro do Ferro – MG
https://www.facebook.com/pretasuzete/
https://elaenesuzete.blogspot.com/

Coletâneas

2009- Coletânea Poesias e Letras
2010- 6º Concurso Poético Cancioneiro Infanto-Juvenil vol. XV
2010- Vozes de Aço 210-
2010- I Coletânea Século XXI
2010- Poetas Inocentes – Vol. V
2010- Antologia Ecologia Sobrevivência e Paz
2010- Antologia Poemas e Poetas nova Geração
2012- 6º Concurso Poético cancioneiro Infanto-juvenil para a linguagem portuguesa Vol. XVI
2021- Coletânea Contos Infantis Centenário de Maria Clara Machado
2021- Coletânea Minha Poesia da Sorte
2021- Prêmio Alvorada conto
2021- Antologia Novo Decameron
2021- Concurso Editora InVerso de Contos e Crônicas Mais Vozes
2021- Coletânea Preconceito - Julgamentos e Generalizações
2021- Revista literária Ecos da Palavra
2021- Lendas Urbanas

QUANDO PRECISO ME LEVAR PARA PASSEAR…

Junto meus temores arrumo-os em um plástico, mantenho minha indecisão de ir ou não ir.
Confortável para não apressar o tempo, esse que se tornou uma incógnita.
Em todo o processo de amadurecimento.
Em meu tempo não há um presente definido ele confunde-se com futuro e passado ficar entre essa transição custou-me por vezes a coragem de viver.
Para mim não existe morte.

Convivo bem com espíritos que dizem mortos que para mim são vivos e com as pessoas que dizem estarem vivas e vejo-as mortas.
Não há uma vantagem ou desvantagem em sentir, ou observar o que estar por vir, há apenas o conflito em dizer aceitar e conviver.
Meus processos de fuga são dolorosos internar-me foi como distanciar por um período não de um mundo generalizado, mas, o mundo que penetra e rasga exigindo sentimentos desconhecidos e não aceitos.
Essa dualidade não é fácil de se moldar na convivência que duvido por vezes do meu gostar com quem convivo.
Como premissa para bem viver com os filhos determinei que não precisavam gostar de mim apenas me obedecessem!
É muito difícil para mim, dizer te amo e não deixo você viver como quer, portanto, não me ame e viva de maneira saudável.
É cruel saber que felicidade não existe, o contentamento confunde com felicidade e ficamos à mercê de utopias na arena dos leões.

Elaene Suzete de Oliveira-Preta

Elizandra Sabino nasceu em São Pedro de Turvo/SP e mora em Ourinhos/SP. É professora na Secretaria Estadual do Estado de São Paulo. Cursou Letras/Inglês nas Faculdades Integradas de Ourinhos (FIO) e Pedagogia na Universidade Nove de Julho (UNINOVE). Concluiu Pós-Graduação, especializando-se em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) e Gestão Escolar pela Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE).

MARIPOSA NA JANELA

Com o coração em saltos
De manhãzinha, me vejo acordado
Ao ouvir o rumor surdo
De uma aprisionada mariposa
Que se agita na janela

Num frenesi agonizante
Voa pra cima e pra baixo
E de um lado para outro
Tentando, num doloroso esforço
Superar o obstáculo invisível
Que rege suas asas

Atordoada, estende-se imóvel
Sobre a indelével impossibilidade
Que a separa de repente
Dos ares de sua vida breve
O que pensa uma mariposa?
Para ela, a campânula não existe
Porque ela não a vê!

Ante seu fim, recomeça seu suplício
Quanto a mim, não há outro remédio
Senão, tirá-la de lá
Saio da cama e devolvo-a
Para o lume de vivazes cores

Inútil tentar dormir
Anseio pelo dia que escorre pelo quarto
E sinto um desmedido desejo de viver
Volto às minhas anotações
Preciso escrever sobre isso!

Elizandra Sabino

Evelyn Roberta Gasparetto é uma paulistana na casa dos quarenta anos, que tem como profissão oficial a advocacia, resolvendo se aventurar no mundo da literatura.
https://www.facebook.com/gasparettoevelyn
https://www.instagram.com/evelyngasparetto

A CADA VIAGEM UM ENCANTO

Poucas vezes tive contato com uma pessoa tão *apaulistanada* como eu, tanto pelo jeito quanto pelo estilo. O som das palavras e a forma de me portar estão arraigados às minhas entranhas, sendo característico em cada trejeito, que me ligam diretamente à minha cidade natal. Mas isso, de forma alguma, me impediu de amar o Rio de Janeiro.

A primeira vez que vi a cidade de perto, era apenas uma menina, fui com o meu pai a trabalho, era só uma tarde, em breve voltaríamos para casa. O primeiro lugar que pedi para que o taxi nos levasse, foi ao Aterro do Flamengo. Não quis conhecer pontos turísticos tradicionais, porque para mim, a baía de Guanabara tinha um significado especial, me remetendo diretamente aos cariocas.

E os cariocas... Homens e mulheres com suas peles bronzeadas, o andar gingado e a liberdade com que dispõem da natureza que está inteiramente linda ao seu dispor, é de causar orgulho a todos. O desfile espontâneo nos mais de quatro quilômetros de calçadão deixa qualquer paulistano com água na boca. Do Leme ao Forte de Copacabana, os transeuntes desfrutam diariamente da praia mais famosa do mundo! Que privilégio!

Umas das minhas maiores atrações no Rio era o sotaque. Ah como são gostosos aqueles *XXX* e *SSS*, assim como os *RRR* puxados, *“Não é merrmo, meu irrrmão?!”*

Já na segunda vez que visitei o Rio, mais velha, pude ficar por uma semana na Rua Duvivier, lembro até hoje. Quanta galhardia!

Dessa vez fui aos pontos famosos, andei de bondinho, fui à Barra, assisti artistas jogando futevôlei, consegui visualizar o Maracanã lá de cima do Redentor, e para completar, fui jantar no São Conrado Fashion Mall. Que estilo de nome! Que tamborilar mais suave entre as sílabas, contando com o refinamento da junção das palavras que formam com esmero a nomenclatura diferenciada de apenas um *shopping center*. Para chegar lá, passei pelo Vidigal, o morro da minha imaginação. Todo mundo sempre ouve falar da Rocinha, que é enorme e majestosa, mas o Vidigal... não sei se novamente pelo nome ou pela pronúncia, sempre fez parte da minha curiosidade. Estava realizada!

A surpresa maior, digna da capital fluminense, para fechar com chave de ouro a viagem, aconteceu na tarde seguinte, quando estava tomando sol em Ipanema. Nada mais descolado que isso, não é mesmo?! Mal sabia o que ainda estava por vir.

Sentada com meu guarda-sol amarelo recém comprado para essa viagem, fui surpreendida por uma *galera* que tinham nas mãos almofadas coloridas e esteiras decoradas, flores e cordões para armar bem ao meu lado, ao que tudo parecia, uma festa surpresa. Não tive como não observar aquela montagem rápida, sutil e elegante.

Mais do que eu pudesse esperar, um deles se destacou do grupo e se aproximou me pedindo de forma muito educada desculpas pela invasão, por ter atrapalhado o meu sossego. Imagina! Quem é que quer sossego ao tomar sol em Ipanema?

Cheio de risinhos e agradecimentos se despediu, não sem antes elogiar meu guarda-sol amarelo, que de tão lindo, segundo ele, somente contribuía para o cenário da festa. Quanta gentileza! Não há como não amar o Rio!

Na festa se ouvia violão, tomava-se água-de-coco, cervejinha e se viam vários amigos no simples, porém refinado, estilo praia carioca, com cangas, biquínis, e acessórios dos mais variados, com cores berrantes que combinavam com o astral do povo que fala *biscoito* ao invés de *bolacha*.

Na terceira e última vez que estive no Rio, fiquei hospedada na Lagoa, lugar mais do que elegante dentro do estilo litoral fluminense. De manhã, andando em volta dela, vi as mães no parquinho com seus filhos, o treinamento de remo do clube do Flamengo, e as águas brilhantes daquele espaço divertido e salutar com a pedra da Gávea ao fundo. Impossível beleza maior.

Livre da obrigação de ter que visitar lugares turísticos, proporcionei-me o luxo de fazer exatamente o que queria naqueles três dias de descanso na terra abençoada por São Sebastião. Umas das primeiras atividades foi visitar uma livraria no Leblon no final de tarde, mais do que comprar livros, o lance charmoso foi escolher, andar pela loja, ver as pessoas conversando ao degustar um cafezinho.

Na manhã seguinte, enquanto minhas companheiras de viagem iam visitar a estátua concebida por Heitor da Silva Costa, um dos símbolos mais conhecidos do mundo, saí a pé em direção a Copacabana. No caminho, novamente o Rio me surpreendia, uma filmagem de cinema em plena luz do dia, e mesmo sem perceber, tive a grata preferência de fazer parte da figuração transitando pela orla.

Passei pelo Arpoador, relutando para não me esticar naquela areia branca e fofa, mas mantive a meta da caminhada, fiz reverência às autoridades do forte, dei bom dia ao Carlos Drummond sentado no banco e segui em direção a Botafogo.

A sensação de estar desfilando ao sol em plena Avenida Atlântica, olhando o mar com navios ao fundo é um néctar para quem ama o Rio como eu, e, virando a cabeça para o lado oposto, dá-se de cara com nada mais nada menos, que o Copacabana Palace, sem descrição possível na língua mundial.

É uma magnitude adornada com areia e maresia, é ver de forma concreta aquilo que sempre se falou no planeta, aquela edificação branca fosforescente dos tradicionais bailes de carnaval, onde morou Jorginho Guinle e onde ficam hospedadas as pessoas mais famosas do mundo.

Não me dando por satisfeita, bati a mão nas pedras do Forte Duque de Caxias e voltei, parando somente no Posto 9. Quem não se sente no centro do mundo nesse lugar? É estar constantemente rodeado de pessoas, que se tornam excelentes amigos, ali no quiosque a beira-mar.

Passei a tarde desfrutando a vista e o som com o puxado na língua daquele bate papo gostoso dos cariocas que me cercavam.

Chegando o fim do dia, era mais do que necessário visitar o interior da cidade. Mais para ouvir o chiado do que para descobrir o local, pedi informação rumo ao Jardim Botânico, aproveitando da parte interna que a capital podia me fornecer.

Fui vagarosa para apurar os sentidos, observando cada detalhe, as pessoas trabalhando, o trafego do momento e sentindo a pressa das pastas e bolsas que as mãos trabalhadoras seguravam, visão que poucos turistas têm.

Já no destino, deparei-me com aquela ilustrada alameda cheia de palmeiras, podendo me sentir exatamente numa novela de Manoel Carlos. Curti cada canto, aproveitando ainda as fotos expostas de Salgado.

Cansada da caminhada, mas mais do que satisfeita com as investidas inversas no turismo, resolvi que não me renderia ao físico, e parti para casa em direção à Lagoa Rodrigo de Freitas.

Fazendo corretamente o que indicavam os rangidos das pronúncias, me surpreendi ao ver a Rua Saturnino de Brito; e quem da minha geração anos 80/90 não conhece essa Rua? Era o destino das cartas para a Rainha dos Baixinhos, que mandaria um beijinho *pro papai, pra mamãe e pra você*. Ah o Rio... são tantas surpresas!

O caminho de volta foi fácil, mesmo com os músculos tremendo, meu sorriso não se fechava. Atingindo a meta, peguei a Lagoa no final da tarde, vi as babás no parquinho do Cantagalo, o brilho do sol se extinguindo nas águas, e o trânsito de fim de tarde já se modelando.

Mesmo com sono e cansada, não tive como ficar em casa, minhas companheiras de viagem me levaram para curtir a última noite no *Astor*, o bar paulistano recriado em Ipanema, que unia um bom serviço, em estilo *vintage* e uma conversa divertida, entre vários turistas, que também curtiam a hospitalidade do Rio.

No dia seguinte ao pegar a ponte aérea no Tom Jobim para a Paulicéia desvairada, com todos esses vislumbres de regalo junto à memória, tive a certeza que a volta é tão linda quanto à chegada, deixando para trás não só a promessa de voltar para um carnaval, como a nostalgia de uma das belezas mais encantadas da natureza, que fez questão de caprichar, dando de presente a perfeição para a capital que foi acertadamente escolhida como a Cidade Maravilhosa.

Evelyn Roberta Gasparetto

Contato: @filipeoliveira8072 (Instagram)

UMA MANHÃ DE OUTONO

A névoa pálida da manhã
Revela uma sombra
Que se move silenciosamente
Na mata anciã.

Botas pisam nas folhas secas
À procura de uma vítima.
Fragrâncias almiscaradas
Elevam-se entre os pinheiros ancestrais.

O cervo pasta tranquilo
Na clareira da aurora.
Uma grande coroa orna-lhe a cabeça,
Seu reino é infinito.

O caçador aponta-lhe a arma
Sua respiração é ofegante,
O coração palpita,
Pupilas dilatadas.
Um silêncio profundo no vagar das horas.

O animal selvagem o encara.
Pureza primordial do universo.
Por um momento
Já não há mais caçador nem cervo.

Um estampido interrompe o silêncio
Cai o corpo desfalecido.
O homem atravessa o umbral inominável
Enquanto espera pelos deuses.

Filipe Oliveira

Francisco Carlos da Silva Caetano é professor na educação básica, mas nos momentos livre se dedica à escrita de contos, poemas e literaturas infantis. Por meio de alguns contos e poemas ele participou de várias antologias e venceu alguns concursos literários, como é o caso mais recente com o conto "Inconsciente" publicado na antologia "40 contos que eles e elas contam", organizado pela livrarias e editora Vitrola. Além destas antologias, Francisco Caetano, como é conhecido, já publicou um livro de literatura infantojuvenil "As aventuras de Dorita" e um de literatura infantil "A Baleia azul e sua obediência" pela editora Recanto das letras. Outras poesias e frases estão sempre sendo postadas em suas redes sociais onde compartilha seus escritos.

VIVA A DIVERSIDADE

Hoje me peguei pensando na vida,
pensar é bom, logo
sobrevém uma saída.
Porque há tanta gente no mundo,
umas desprezadas, outras esquecidas?
Vivemos em uma sociedade
onde somos todos diferentes,
mas não só na idade!
Também nas atitudes,
no pensar, na maneira de ser, nascer e até na vaidade
É nessa dissemelhança
que nasce o amor de verdade

Todos devemos viver
em amor e união, por isso,
viva o mundo da inclusão!
Que tal darmos as mãos
em prol dessa missão?
É normal ser diferente,
todos precisam entender,
que amar o próximo nos
faz bem e enriquece o nosso ser.
Busquemos o amor na integridade
e que inclusão deixe de ser sonho
e se torne realidade em nossa sociedade.
Viva a diversidade!

Francisco Caetano

LÉXICO DOS SENTIDOS

Cansei de regras
Teoremas
Cansei das ênclises
Próclises
E sempre detestei as mesóclises

Querer-te-ei?
Como poderia querer-te no futuro?
Ter você agora seria o único presente mais que perfeito aceito pelas minhas linhas

Preciso criar um novo tempo pro pretérito
Um que eu possa usar em qualquer texto
E sirva para todos os momentos com você

Eu quero rasgar o verbo
Expulsar todas as minhas hipérboles
Como alforria
Quero gritar interjeições
Sem analogias
Quero a palavra nua
E sentir todos os paradoxos da minha existência saindo pela boca

Não quero o uso correto do idioma
Quero gaguejar
Me lambuzar nos erros
E delirar entre as palavras tão livres expressadas

Quero cuspir palavrões
Buscar o sentido pejorativo
Escrever fora das linhas
Rabiscar tudo escrito
E quem sabe rasgar a folha

Quero me libertar da minha forma humana
Amar outras espécies
Afiar minhas presas
Usar minha prosopopeia
E me transformar em quem
talvez seja quem de fato sou

Eu quero a sinestesia
Aprender
Prender
A tua língua em mim
E jamais usar amar no verbo oculto

Eu quero abusar dos neologismos
E encontrar a palavra exata que sirva como palíndromo
Que mesmo que você leia de outras direções, o sentido será o mesmo

Mas antes, não se esqueça de respeitar meus parágrafos
Pois são eles que definem o começo
das minhas histórias

Então, engula minhas reticências
Não pause nas vírgulas
Saboreie cada silêncio
E você estará sentido o verdadeiro gosto do meu léxico
E o que vem depois serão palavras sinceras
sem pontos finais.

Gabriela Cardoso
(Lua Pinkhasovna)

Gedeane Joás Costa, natural de Recife (PE), formada em Ciências Econômicas e em Licenciatura em Música. Pianista, professora, artista plástica, ama escrever poesias desde os seus nove anos de idade. Menção honrosa em concursos de poesia, participações em diversas revistas literárias. É membro correspondente da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências (ALPAS 21).
blog: Páginas Infinitas (paginasinfinitas.blogspot.com)

OS SEUS ABRAÇOS

De braços abertos
aos seus abraços
meu peito confessa repousar
um bálsamo em meu corpo
firmam meus pés medrosos
aos pescoços que também se inclinam
para os lábios poderem se tocar
como uma onda do mar
que luta nas areias se banhar.

Nos abraços, almas se entregam
oferenda divina e magistral
como aquele que tece a melodia
no dedilhar ao braço do violão
a procura da cadência final
em cada sacudir das cordas
na tapeçaria complexa do coração.

Não tenho mais seus abraços
quando a noite enfeita a janela
o poema se torna escasso
e até me foge Orfeu
resta-me a imbatível espera
encontrar os abraços seus
em sonhos, na minha entrega
aos braços de Morfeu.

Gedeane Costa

Geraldo Ramiere. Nascido em 01/07/198, é poeta e contista de Planaltina-DF, além de professor de História e produtor cultural. Escreve desde adolescente, com diversas obras publicadas em antologias/periódicos e premiado em concursos literários. É membro da Academia Planaltinense de Letras, Artes e Ciências (APLAC), da Associação Cultural Tribo das Artes e benemérito da Academia Inclusiva de Autores Brasilienses (AIAB). Em 2021 publicou seu primeiro livro, Desencantares Para O Esquecimento (poemas), pela editora Viseu. Email: geraldoramiere@gmail.com

DIÁLOGO

As palavras são tábuas
rasas de salvação
Muna Ahmad

Como ser outra linguagem
Que não fosse esta
Feita de cansaços?

Contemplo as palavras
Em suas cidadelas
De semânticas e sintaxes
A maioria agrupada
Em classes e locuções
Sob ordens gramaticais
Porém, há também aquelas
Sobrevivendo solitárias
Indefiníveis e arredias
E são tantas palavras
De todos os gêneros e tipos
Que me fogem à vista
Umas calmas e silenciosas
Outras agitadas e eloquentes
Muitas agiam indiferentes
Palavras simples, pomposas
Compostas, pobres, ricas
Padronizadas, excêntricas
Palavras enfáticas, inexpressivas
Alegres, tristes, agressivas
De monossílabas a palavrões
Palavras velhas e jovens
Algumas até gestantes
Grávidas de outras palavras
E, com cautela, delas aproximo
Aparentemente sem notarem
Ou somente me ignoram
Arrisco conversar com uma
Que me olha curiosa, contudo
Logo se afasta, talvez por receio
E ao abordar outras em vão
Percebo o medo que têm de mim
Escuto um tumulto
Uma palavra rodeada por outras
É agredida sozinha no chão
Não consigo me segurar
Aproximo e intercedo
Interrompendo a confusão

Levanto-a já machucada
É uma palavra estrangeira
Que assustada foge de lá
Algumas dessas palavras
Cercam-me mal-humoradas
Precavido, escuto calado
Acompanhando substantivos
Os pronomes me interrogam
E uma interjeição me adverte
Quando parecem satisfeitas
Deixam-me com uns numerais
E verbos que por ali transitavam
Pouco depois ouço um choro
Vindo de um canto morfológico
E encontro uma palavra
Abandonada, recém-nascida
Seguro-a nos braços e reparo
Que ela estava incompleta
Temendo que a machucassem
De lá partimos para bem longe
No caminho, senti-me seguido
E ao olhar para trás descobri
As incontáveis e diversas palavras
Que estavam a nos acompanhar

Hoje possuímos nosso próprio país
Onde nos pronunciamos livremente.

LIBERTÁRIA

A poesia quer é estar nas ruas
Manifestar, gritar sem ordem
Sair dançando pelas avenidas
Rir pelos bares, ébria em bocas
Intensa, livre e libertária
Controversa e aversa às doutrinas
Versada em línguas soltas
E palavras desregradas
A poesia a ninguém pertence
Sendo somente dela mesma
É feminina, feminista e forte
Sabendo sangrar ao renascer.

VERSOS EM DIÁSPORAS

A poesia é uma imigrante ilegal
Fugindo de guerras ou da pobreza
Com medo de morrer, de ser presa
Ao passar escondida numa fronteira
É quem enfrenta cercas e muros
Ou a criança que morreu afogada
Quando tentou atravessar o mar
Junto com a família inteira

O poema é um imigrante ilegal
Fugindo para não ser deportado
Tentando recomeçar a vida
Numa hostil terra estrangeira
É alguém em trabalho escravo
Enganado por falsas promessas
Ou quem sofre com a intolerância
De uma sociedade em cegueira

Nós somos versos em diásporas
Refugiados pelo mundo afora
Sobrevivendo e se encontrando
Cada qual a sua maneira
Mas a maioria se esquece
Que todas as palavras já migraram
Nem que seja em suas origens
E de imigrantes são herdeiras

Geraldo Ramiere

Gisela Lopes Peçanha é natural de Niterói, RJ. Escritora, cantora. Premiada em diversos concursos literários de Universidades Federais Brasileiras, a citar: Universidade Metodista de Piracicaba, SP (1º Lugar, em 2015 e 2016); Universidade do Pampa, RS; Universidade de Brasília (menção honrosa, 2020); Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (2º Lugar, 2018); Finalista: UNIFEBE, SC; UNICAMP, SP; UERJ, RJ - 2020. Prêmio Rubem Alves - 1º Lugar - Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto SP, 2015. Prêmio Machado de Assis - Menção Honrosa - Concurso Internacional Confraria Brasil – Portugal, 2015. Terceiro Lugar – Concurso Literário Internacional Castro Alves – Academia Rio-Grandina de Letras – 2021 (Rio-Grande, RS). Conquistou mais de 100 prêmios literários. Publicou em 53 antologias, a nível nacional. Membro da CAL - Comissão de Autores Literários – 2021. Acadêmica efetiva - Titular da cadeira de número 36 RJ Patrona: Hilda Hilst - Academia Internacional da União Cultural.
giselamusik@yahoo.com.br Facebook: Gisela Peçanha

INVERSO

Raptei a estrofe
Rumo ao verso, com inspiração nula.
Fiz um nojo-poema e amassei mil papéis
Sem pena alguma.

A mim doeu mais pela árvore
Que morreu como eu:
Sem saber escrever;
Árvore morta, e eu vivo...
Sugando da seiva que ela me deu.

Presente a um poeta chulo,
Raso,
Infecundo:
Faminto e inerte.
Desnudo!

E as folhas brancas...
E as folhas verdes...

Penando no breu.

Gisela Lopes Peçanha



Gislene da Silva Oliveira – nascida em terra de João Gilberto, Juazeiro da Bahia, foi registrada em São Paulo e ainda pequeno levada para residir no Pará, onde mora atualmente. Mestra em Linguagens e Saberes na Amazônia (UFPA- Campus de Bragança), Especialista em Língua Portuguesa (UFRJ), Licenciada plena em Língua Portuguesa (UFPA-Campus de Bragança), professora da Secretaria de Educação do Estado do Pará (Seduc-PA), mãe da Taís e do Gabriel (partes do seu coração que pulsam fora do peito), professora de profissão e alma, amante da literatura, da lua, do sol declinante, do papo de bar, da entrega total e do amor.
100gisoliveira@gmail.com
https://www.facebook.com/gislene.oliveira.56/

Boa de Língua

- Descansa em paz? Quer me matar?

Disse Duca nervosamente ao se despedir de sua mais nova amiga literária. Não se sabe se era o medo da eternidade, tão comum aos mortais ou uma mente fértil e fantasiosa que em nada perderia para o garoto cheio de imaginação da série de desenho animado O fantástico mundo de Bobby.

O que se sabe é que ao ouvir a palavra descansa, Duca ativou seu alerta vermelho para contos eminentes e logo surgiu um bom e sugestivo título: *Boca maldita*. O espírito literário do rapaz falou mais alto e a pobre mulher ali do outra lado das teclas materializou-se de forma surreal como a moça das palavras mortais, aquela que diz “descansa em paz” e o cara morre no ato.

- Meu Deus! Que exagero. Só quis desejar um boa noite de sono.

Ariana, este era o pseudônimo da aspirante a escritora, considerou engraçado. Sentiu um misto de admiração e surpresa. Admirou-lhe a sacada, a sagacidade, a rapidez com a qual o rapaz fez emergir diante deles uma trama, quase um esquema clássico de enredo. Por outro lado, sentiu uma pontinha de maldade ao descobrir que o recente amigo temia a morte e, não conseguia desvencilhar-se do senso comum das "palavras têm poder".

Bem neste caso, poder literário e surreal, que fez dela uma personagem um pouco tenebrosa. Imaginem só, caros leitores, se as palavras que mal saem da sua boca e tudo realizam, viessem fúnebres, carregadas de maldição, caretas, ridicularizantes ou de cunho brochante (também mortal para a maioria dos homens!). Pobre Duca, ficaria aterrorizado, diante da possibilidade de qualquer conversa com Ariana.

Eram de fato, Eduardo e Mônica da literatura. Ele contista de mão cheia, muitas publicações, alguns ebooks e livro já impresso. Ela tímida aspirante a cronista, aqui e ali deixava escapar um texto que dois ou três amigos podiam ler. Pouco sabiam um do outro para além dos escritos nas páginas sociais que mantinham em comum, aliás onde também se conheceram. Ele parou de beber há 28 anos, mas continua fumante de uma vida toda, ela deixou o amigo e companheiro cigarro há dois anos e nem se recorda mais que o conheceu, porém não dispensa a cervejinha e o bom e doce vinho para embalar noites mais longas.

O lado literário em ambos prevaleceu e mesmo com tudo diferente, ele propôs o desafio da profecia do descanse em paz. Cada um escreveria sua narrativa sobre o tema e depois trocariam os textos ou publicariam em páginas comuns. Seria como um exercício de estilo, perceber paralelos, divergências, soluções estilísticas comuns ou não.

Ela sentiu-se a própria Mary Shelley na noite chuvosa de verão na Suíça, desafiada por Percy Shelley e Lord Byron a criar um conto de terror, embora ciente de que não escreveria nenhum Frankenstein, também aceitou o desafio.

Marcaram a troca do texto para dali a três dias. Despediram-se com um singelo boa noite. Ela com uma breve provocação pediu para que ele não morresse no ato. Sorriram. No fundo, ambos sabiam que suas palavras nada tinham de malditas. Era só era boa de língua: Fez Letras!

Gislene Oliveira

A SOMBRA E O CAMINHO

Há uma sombra
Sobre a cabeça do velho.
Ele vive assim iludido
Na espera de um caminho.

Há uma sombra
Inclinada aos pés do velho.
Ele a persegue aturdido
Na procura de um caminho

Há uma sombra
Inteira à frente do velho.
Ele a observa abatido
Na demora de um caminho.

Não há mais uma sombra
À espera do velho.
Ele adormece perdido
Pois não há mais o caminho.

Hélio Guedes de Oliveira

João Carlos Pinto de Almeida, nascido no Porto em maio de 1969. Paralelamente à frequência do ensino oficial, estudei piano com a prof.ª Maria da Conceição Caiano, tendo completado o Curso Complementar de Piano. Em 1987 entrei na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, onde obtive a licenciatura em Engenharia Eletrotécnica e de Computadores *. A evidente vocação para o ensino, particularmente da música, e a influência do prof. João Pinheiro, levou-me à candidatura e admissão à Escola Superior de Música de Lisboa (Formação Musical), curso que terminei no Porto, na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo *. Sou Mestre em Estudos da Criança / Educação Musical pela Universidade do Minho, tendo defendido a tese, "O Repertório Musical Português no Curso Básico do Ensino Especializado [da Música]", orientada pela Professora Doutora Maria Helena Vieira. Obtive a profissionalização em Ensino da Educação Musical no Ensino Básico pelo Instituto Piaget (Escola Superior de Educação, polo de Gaia). Tenho lecionado Música (sobretudo Formação Musical, Iniciação Musical, Classe de Conjunto (Coro) e Piano) e Informática em Portugal e já lecionei estas disciplinas em Angola. Publiquei o livro "100 contos 100 palavras" em fevereiro de 2019, pela Chiado.

* Nome legal da Escola e do Curso.

FOTOGRAFIA DE CASAMENTO

Num bonito fim de tarde, os recém-casados passeavam, ostentando felicidade, na Quinta da Conceição. Como é da praxe, atrás dos pombinhos seguia uma alegre comitiva: familiares, amigos e, claro, o fotógrafo. Este, conforme lhe competia, memoriava todos os passos dos recém-casados. Tudo decorria normalmente: o casal exibia a esperada felicidade plácida.

Ao passarem por uma antiga e bonita fonte, o fotógrafo sugeriu que tirassem ali uma foto. O casal, obediente, aceitou. Ele posicionou-se num lado e ela no outro, sugerindo que ambos beberiam daquela água. Talvez ninguém tenha reparado na placa, por cima da bica, que dizia "água não potável".

João Carlos Almeida

Julia de Campos Preto
juliacpreto@icloud.com

…Se eu forçar a vista.

"She wants to go home
But nobody's home
That's where she lies
Broken inside"
— Nobody's home - Avril Lavigne

Eu costumava viver num castelo. Havia um belo jardim. Ele era cuidado melindrosamente pela minha mãe antes e depois de eu ter nascido. Ela era assim. Cuidava de tudo que era vivo, tinha uma paixão pela vida que muitos invejavam. Ela foi a rainha do meu castelo, apesar de ela sempre discordar. Dizia que havia me criado rainha, não princesa. Nesse castelo, além do meu jardim, havia muitos súditos. Eram silenciosos, pareciam indefesos, por isso eu sempre cuidei deles antes de tudo. Minha mãe sempre disse que uma rainha deveria ser bem letrada, então nunca deixou minha educação de lado, pelo contrário, era exigente. "A arte da palavra e o conhecimento fazem de você um líder ou uma sobrevivente", ela dizia. Sempre quis deixa-la orgulhosa, por isso sempre fui dedicada. Meu pai era meu rei, apesar de consideravelmente ausente. Era dono de um coração frio, mas eu achava que no fundo ele era bom. Tinha até uma cadeira real só dele. Ah, e faltam as paredes. Bem, as paredes eram como nos livros, feitas de rocha com alguns musgos bonitos.

Como todo livro bom, também tinha um monstro. Nunca gostei de ir dormir, era aí que ele aparecia, então assumi que fosse um sonho. Era uma silhueta que eu não reconhecia. Sempre pareceu tão real, mas nunca saí do meu quarto para saber se ele estava por perto. A madeira do chão rangia, até ouvia vagamente uma porta abrir, mas tudo o que eu via era o escuro. Forçava os olhos da cama e nada, só escuro. Tinha sempre uma donzela, ela chorava baixinho como se não quisesse ser ouvida, mas o que meus olhos não viam, meus ouvidos ouviam em dobro; era só eu fechar os olhos.

Quando eu acordava, a primeira coisa que sentia era o cheiro do café fresquinho, da manteiga e do pão torrado de cheiro crocante. Dava água na boca, por isso eu corria até a cozinha para pegar um pedaço e contar a aventura da noite passada. Ela acordava muito cedo, dizia que tinha que ajeitar tudo para o café, minha mãe, digo. Mas, depois do café, sentávamos no sofá para falar do meu sonho. Eu me aconchegava perto do seu peito de mãe para que pudesse sentir o perfume doce, mais agradável que qualquer outra flor do jardim. Quanto aos meus sonhos, eram normais, e rainhas não devem levantar da cama por motivos bobos. Dormir era importante.

Como veem, ela, por vezes, mentia para mim. Mas então, numa manhã, minha mãe morreu. Meu pai contou-me que ela tinha um coração fraco e, no meio da noite, havia sofrido um ataque.

Minha mãe morreu e a fantasia morreu com ela.
Quando eu acordava não sentia mais o cheiro de pão ou de manteiga. Nos primeiros dias, foi até bom: não sentia cheiro de nada. Contudo, não levou muito tempo para que eu visse as garrafas de álcool acumulando-se e aquele cheiro tornando-se familiar; era o novo cheiro da manhã. O real descia pela garganta rasgando-a, mas não havia o que fazer, descia e era isso. Chorar? Para quem? Seria um choro mudo, preso na mesma garganta. Penso eu que a dúvida era a pior parte., pois ela desregulava qualquer tentativa de ignorar as possibilidades. Em um momento tento esquecer, no outro, olho uma caneca vermelha e mil possibilidades mais vem à mente. Coração fraco? Por um lado, sim, por outro lado, não.
Haviam me ensinado muito até ali; muito sob um manto diáfano e fantasioso. Entretanto, depois da morte dela, fui obrigada a rasgar esse manto, construído durante tantos anos e gotas de suor. Eu via-me ali com uma adaga bonita. Via-me enfiando-a na seda e cortando aqueles fios… um por um… até a ponta. Terminei o trabalho, olhei aquele manto rasgado e senti um aperto no peito como se tivesse acabado de cortar alguém ao meio. Era isso.
Levou mais tempo que pretendia, mas saí daquela casa o mais rápido que pude usando de concursos públicos e alguns contatos. Sem o príncipe que um dia almejei.
Num passado eu vi a vida sob os olhos de uma criança, mas uma criança mentirosa e ingênua. Enxergava a beleza nas simples coisas através de uma venda de linho sobre os olhos. Eram sombras. Hoje odeio sentir-me criança e só de

pensar sobre isso, dor estômago, uma azia. Se eu forçar a vista, consigo ver o eu de hoje ainda num conto de fadas, mas não um desses tradicionais, um bem mais feio que o dos livros, sem princesas ou príncipes.
Só musgos bonitos.
Sei que essa alma no meu peito ainda é criança, mas meu jardim, infelizmente, morreu com a casa.

Julia de Campos Preto

Juliete Vasconcelos nasceu em 5 de fevereiro de 1990 em Itapeva, interior de São Paulo. Formada em Turismo, é pós-graduanda em Criminologia e estudante de Letras e reside atualmente em Sorocaba/SP com o namorado e dois filhos.
Escritora de suspense e romances policiais, gêneros que se dedica a escrever, Juliete aborda em seus livros temas como psicopatia e outros transtornos que findam numa série de crimes brutais.
Autora da trilogia "O Ceifador de Anjos", Juliete teve o seu primeiro título, "A Coleção de Fetos", entre os finalistas do Prêmio Ecos da Literatura 2019, primeira edição.
Seu último lançamento, o livro "Quando os Pássaros Pousam", foi vencedor das premiações Book Brasil 2020 e Ecos da Literatura 2020, nas categorias "melhor conto" e "melhor thriller/policial", respectivamente.
Em 2020 Juliete teve ainda seu nome indicado para o recebimento do Troféu Cecília Meireles, sendo eleita uma das Mulheres Notáveis para a 23ª edição desta premiação.
E-mail: escritorajulietevasconcelos@gmail.com
Facebook: https://www.facebook.com/julietevasconceloss/

Uma Festa para Margareth

Antes

— Meg, é hora de dormir, querida! — falou Tom ao abrir a porta do armário no quarto da filha, onde a menina costumava brincar de se esconder. — Vamos, já é tarde! — insistiu ele com um sorriso, ao que a garotinha, de pijama rosa e cabelos castanhos longos e lisos, obedeceu, mas não antes de fazer uma careta chateada.

— Não tenho sono, papai! — respondeu sentando-se em sua cama decorada com adesivos de cãezinhos. — E a Gigi ainda não me achou, ainda está me procurando, papai! — declarou em um muxoxo se referindo à sua cachorrinha.

— A Gigi também precisa dormir, filhinha! Ela deve estar dormindo agora mesmo em algum canto da casa — disse sorrindo enquanto sentava-se ao lado da pequena.

— Gigi não está mais me procurando? — perguntou chateada. — Acha que ela não quer mais brincar comigo? — Os olhos começaram a lacrimejar.

— Não, querida, claro que ela quer brincar com você! É só que ela também deve estar cansada e... — Tom tentava explicar, mas as lágrimas que escorriam pela face de Meg o fez perceber logo que aquela tristeza não era apenas por causa da brincadeira com a cachorrinha Gigi. — Está com saudades dela, não é? — perguntou, ao que a filha o abraçou chorosa. — Também sinto falta dela, Meg! — confessou.

— Mamãe não me ama mais, papai! — declarou a garotinha.

— Não diga isso, minha princesa! Ela ama você mais do que tudo nessa vida, ela já te disse isso, não disse? — perguntou encarando o rosto angelical da sua filha.

— Disse, mas...

— Mamãe só está confusa, querida! Ela irá voltar, você vai ver!

— Será, papai? Ela não veio me ver desde que... desde que foi embora! — lembrou com o olhar ainda mais triste. — Acha que ela virá na minha festa de oito anos? — perguntou esperançosa.

— Mas é claro, Meg! Mamãe não perderia seu aniversário por nada, você sabe, não sabe?

— Mas, e se ela não vier? — insistiu. — E se ela esquecer o dia da minha festa?

— Não pense nisso, querida! Lembra que vocês preencheram os convites juntas? E a decoração, não foi mamãe quem te ajudou a escolher? — perguntou sorrindo.

— Eu lembro... foi sim.

— Então, querida, ela não irá esquecer.

— Você pode ir buscá-la, papai? — perguntou sorridente.

— Claro.

— Promete, papai? Promete que mamãe virá na minha festa?

— Prometo, querida!

— E os meus amigos, será que eles também virão?

— Virão, querida. Todos eles, eu prometo! Será uma grande festa, filha, do jeito que planejamos! — Tom prometeu abraçando-a mais uma vez.

— Obrigada, papai! — Meg agradeceu, feliz.

Sete anos depois

— Senhor Carson? — chamou pela segunda vez, mas o paciente permanecia em aparente estado catatônico sentado à sua frente. — Senhor Carson? — insistiu a psiquiatra, agora gesticulando com as mãos em frente ao rosto magro e abatido. — Senhor Carson, estava dizendo que... — falou assim que Tom finalmente a encarou com o olhar assustado.

— Oh, desculpe-me, doutora Rollins, eu estava... estava dizendo que... — disse tentando retomar de onde parara antes de se perder em suas lembranças enquanto se remexia na cadeira, visivelmente desconfortável. — A senhorita me perguntou como eu me sentia hoje, e eu estava lhe dizendo que me sinto muito bem! — declarou forçando um sorriso, ao que a psiquiatra apenas cruzou os braços e melhorou a própria postura recostando mais para trás em sua cadeira. — Gostaria que a senhorita considerasse interromper o tratamento, digo, os medicamentos apenas... posso prosseguir normalmente com a terapia em grupo! — pediu com o olhar suplicante.

Isis suspirou, não era a primeira vez, e provavelmente não seria a última, que Tom Carson lhe fazia tal conjetura, como se interromper o tratamento medicamentoso fosse uma opção no caso dele.

— Senhor Carson, já falamos sobre isso, não posso suspender seus antipsicóticos. O senhor sabe o que aconteceria se eu o fizesse...

— Por favor, senhorita Rollins, tenha compaixão! Já faz tanto tempo... eu preciso tanto vê-la! — A doutora analisou em silêncio a expressão agoniada do homem à sua frente, o olhar de desespero de Tom a fazia sentir pena. Apenas um homem mentalmente doente como ele podia implorar para ficar sem os medicamentos que o mantinha lúcido, não que lucidez parecesse importar para ele. — Ah, doutora, preciso ver minha filhinha, me ajude!

— Senhor Carson, não é sua filhinha, é uma alucinação, compreenda! Lembre-se do que aconteceu quando o senhor interrompeu, por conta própria, o tratamento.

— Eu só fiz o que precisava, doutora!

— Senhor Carson, o que fez, o trouxe até aqui!

— Fiz pela minha filhinha! — disse baixo, voltando o seu olhar para a papelada organizada à frente, na mesa da psiquiatra.

— Não, senhor Carson, foram as alucinações, tudo o que o senhor fez há sete anos... o senhor se recorda? — indagou encarando-o, tentando trazê-lo para a razão.

Tom sorriu, como se recordasse de um momento feliz.

— Foi uma festa tão linda! Minha Meg se divertiu tanto... — A doutora Isis suspirou mais uma vez, concluiu de novo que Tom era mesmo um caso perdido. Nos últimos anos buscara de todas as formas possíveis elucidar o seu paciente sobre as atrocidades que cometera, tudo em nome de Margareth Carson, sua única filha.

— Senhor Carson, Meg não se divertiu! — declarou a psiquiatra em tom firme, como se revelasse a ele uma informação que Tom desconhecia.

— Mas é claro que ela se divertiu, senhorita! — contestou sorrindo, com o olhar alucinado. — Eu vi ela se divertir! — concluiu.

— Senhor Carson, o que o senhor viu não era real, era uma alucinação proveniente da sua esquizofrenia, isso graças aos antipsicóticos que o senhor parou de tomar, sem autorização do seu psiquiatra.

— Eu parei porque eles não me deixavam ver minha filhinha!

— Os antipsicóticos não te deixavam alucinar! — insistiu ela enquanto Tom meneava a cabeça em negação.

— Não, não, a senhorita não entende!

— Senhor Carson, sua filha Margareth morreu três meses antes de completar oito anos, num acidente de carro, o senhor se recorda? — perguntou encarando a expressão desapontada do paciente. — O senhor insistiu em deixar o tratamento medicamentoso com antipsicóticos de lado, e por isso sua esposa o deixou.

— Não, não! Lauren não compreendia, igual a senhorita... ela queria que eu tomasse os remédios, eu tentei, mas eles não me deixavam ver minha Meg, e ela não quis entender.

— Ela entendeu perfeitamente, senhor Carson. Entendeu que o senhor optou por não manter a sua sanidade. Por isso, Lauren o deixou!

— Mas eu a trouxe de volta, a trouxe pra nossa filhinha! — declarou com um sorriso doentio.

— O senhor a matou!

— Não, eu só... Lauren não via nossa filhinha, não podia lhe dar um abraço, um carinho... Meg sofria por isso! Eu precisei fazer com que ela visse a nossa garotinha... era o aniversário dela, como ela não poderia vê-la? — indagou, ao que a psiquiatra suspirou.

Tom Carson dera entrada naquele manicômio judiciário três meses depois de ter dado a festa de aniversário para sua filha Margareth. Desde que fora preso, mostrava-se orgulhoso, garantia ter realizado o desejo de Meg e tê-la feito muito feliz. Para a equipe de polícia e perícia que foram até a casa, depararam-se com um verdadeiro *show* de horrores, onde balões de cor rosa estavam respingados de vermelho, do sangue já seco dos mais de vinte cadáveres espalhados pela sala.

Durante o julgamento, não houve dúvidas de que Tom era um homem insano. E agora, mesmo com o tratamento em dia, com sua esquizofrenia controlada e livre de quaisquer alucinações, ele relutava em perceber a realidade a sua volta. Ainda assim, a doutora Isis não podia desistir de elucidá-lo. Isis não almejava nenhuma cura, o que ela sabia não ter.

Sabia também que, de certa forma, para aquele homem, a sua percepção conturbada de realidade o poupava de muita dor. Tom não era um homem ruim, era um homem doente que cometeu crimes terríveis que o levaram até ali. Não possuía arrependimentos porque acreditava piamente que fez o que precisava fazer, sendo incapaz de compreender toda dor e sofrimento que causara às suas vítimas e famílias. Tudo que importava era a felicidade de Margareth naquela festa infantil.

E mesmo não havendo uma cura, ou mesmo uma chance de recomeço para o seu paciente, já que Tom fora condenado a passar seus últimos dias enclausurado naquele manicômio, o trabalho de Isis consistia em trazê-lo a razão, pelo menos deveria continuar tentando.

— Senhor Carson, Lauren não podia ver a filha porque Meg estava morta, e o senhor não a via, o senhor alucinava. O senhor matou Lauren porque acreditava que assim ela poderia ver Meg. O senhor fez o mesmo com os amigos de Meg, matou vinte e três crianças, nove meninos e quatorze meninas. O senhor os degolou...

— Meg queria uma festa grande, com todos os seus amigos da escola, e eles não queriam ir porque achavam que...

— Porque sabiam que Meg estava morta, senhor Carson!

— Não, não! Eles só não podiam vê-la, como Lauren, como Gigi... eu fui buscar um a um para a festa, fiz todos eles verem Meg... e foi uma grande festa, todos se divertiram e Meg ficou muito feliz! — declarou com o olhar saudoso.

— Oh, senhor Carson! — disse Isis enquanto encarava o seu relógio, lamentando mais uma sessão perdida. Uma hora se passara, e mesmo sete anos depois, aquele recluso não mudara em nada. — Nosso tempo acabou, então...

— Senhorita, irá suspender o tratamento? — indagou esperançoso, como se não tivesse ouvido nada do que a doutora lhe disse antes.

— Lamento, senhor Carson! — respondeu meneando a cabeça negativamente.

— Oh, senhorita! Por favor, eu preciso... Meg deve achar que eu a abandonei, deve estar tão chateada, doutora! — falou desesperado, mexendo-se agoniado em sua cadeira.

— Fique calmo, senhor Carson! Ela não está chateada com o senhor...

— É claro que ela está, senhorita! — respondeu ainda mais desesperado.

— E por que ela estaria, senhor Carson? — indagou tentando entender o que o deixava tão transtornado, ao mesmo tempo em que dois enfermeiros adentraram sua sala conforme o horário marcado.

— Faz sete anos, doutora...

— E? — indagou sem entender.

— Logo ela fará quinze anos, e toda menina sonha com uma festa de quinze anos! — declarou tão lógico como um louco poderia ser, e Isis apenas suspirou enquanto via os enfermeiros removê-lo da sua sala.

Juliete Vasconcelos



Karine Dias Oliveira. Professora. Pós-graduada em: Gestão Escolar, Supervisão Escolar e Orientação Educacional; Psicopedagogia Institucional; Educação Ambiental. Amante da leitura e escrita, tenho por hábito escrever histórias infantis (ilustrando-as), contos, trovas, poesias, crônicas, microcontos, etc. A escrita é a minha paz, meu refúgio e inspiração pra vida. Um sonho: ter as minhas produções publicadas em material, totalmente, autoral. Selecionada em inúmeras publicações, vencedora de Concursos Literários (além de menções honrosas e especiais).

DESVAIDADES

Na pluralidade da vida, recebi merecimentos

Ao mesmo tempo...

Tão singulares

Tão envolventes

Realmente, essenciais!

Soaram como desafios

Abraçados com cuidado

Pra não quebrarem sobre mentes curiosas

Por vezes, desequilíbrios

Diamantes brutos.

Atravessando a porta do quarto

Negociei com as minhas vaidades

Despreocupada

Entusiasmada

Porém, paciente sobre metáforas.

Passos bailados

Coração em disparada

Botei o mundo pra correr

Resolvi assuntos e controvérsias

Finalmente, embriaguei-me do renascer em mim!

Karine Dias Oliveira

Nova Friburgo/ Rio de Janeiro

Laerte Tavares é natural de Armação do Itapocoróy, SC – local de influência cultural portuguesa, onde muito se venerou a poesia do cancioneiro ibero português. Literatura que o influenciou desde criança.
laerte.silvio.tavares@gmail.com

TUDO PASSA

Tudo passa, *en passant* e em paralelo
Ao fugaz tempo, que faz do instante
Um passado passivo para o amante
Que passou em prazer cultuando o belo.

Se o tempo se cumpriu, em amarelo
Todo o viço do belo verdejante
Se desfaz como a sombra posta ante
Ao ocaso sem luz e sem o elo

Entre a sombra e a luz desse momento
Que alterna humor e sentimento
A cessar tudo, por tudo ter fim.

Até mesmo o amor tem vencimento
Com seu prazo fugaz, ante o advento
Do que é bom transformar-se em ruim.

Laerte Tavares

Larissa Reggiani Galbardi. Formada em Letras, autora do livro de poesia Quimeras Inquietas publicado pela editora Viseu.
Instagram: https://www.instagram.com/laras_laris/



Luís Amorim
facebook.com/luisamorimeditions

ADMIRANDO O PASSADO

Admirando o passado
Da nação seus feitos
No expositivo contado
Em textos quase perfeitos.

O prosar está assinado
E os versos têm efeitos
Pelo quadro intencionado
Mantendo devidos respeitos.

Mistura de vasta cultura
No espaço grandioso
Com arte que perdura.

Igualmente se augura
Algum ponto misterioso
A ter sonora partitura.

Mas orgulho adianta
E o tempo sempre planta
Heroísmo que se canta.

Luís Amorim

Marcos Antonio Campos nasceu em Natal. Formado em Letras, Administração de Empresas e Ciências Contábeis, todos pela UFRN. Membro do IHGRN, da UBE-RN e da ATRN. Escritor e poeta concretista, admirador do poema processo lançou os livros de poesia: “Um Bêbado Sonhador”, “Babel”, “Absinto” todos pela Caravela Selo Cultural, também lançou os livros de contos: “Algodão Doce” e “Atropelando Papai Noel” pela mesma editora. Está presente em mais de 3 dezenas de coletâneas espalhadas pelo país. Possui textos premiados em diversos concursos nacionais.
E-mail:cocotasan1951@gmail.com

TRAGÉDIA

Uma tempestade poética,
Vinda com os ventos do Olimpo,
Foi desnudando a árvore da vida
Até transformá-la em galhos secos,
Como se a árvore lutasse
Com todas as suas forças
Contra um destino trágico.
Seguindo a poeira da história,
Folhas secas beijando o asfalto
Carcomidas pelo tempo ─ Antígona,
Como obras inacabadas ─ Medeia,
Fragmentos de um passado de glória
Iluminando o mundo num teatro de arena,
A verdade nua e crua das paixões violentas,

As Bacantes expostas ao público,
Questões morais da vida humana,
Crimes e segredo divinos revelados,
A árvore, com galhos secos, desfolhada,
Tal qual Desdêmona desafortunada,
Morta pela ira do homem que amava
O fardo trágico do vestido de noiva,
Folhas revelando segredos ao vento,
Como cartas marcadas num baralho trágico,
Não ficou pedra sobre pedra.
E eu, tal qual Prometeu acorrentado,
Alimentando-me dos frutos da árvore da vida
Comecei a apreciar o sofrimento
E a dramatizar a existência da árvore
Em suas raízes encontrei:
Sófocles, Ésquilo e Eurípedes,
E cantei o canto do bode
No coro dos efebos.

Marcos Antonio Campos

Marques Bueno, escritor amador que ama seu país, sou de Ribeirão Preto - SP, 43 anos, pãe de 02 filhos, luto para modificar esta geração e fazer com que a sociedade perceba que pode muito mais. Autor do livro F.U.R.I.A lançado em 2011, possuo redes sociais onde coloco e expresso meus pensamentos. Escritor aventureiro desde meados de 2008 enveredando por entre a internet.

SIMPLES MELANCOLIA

Arrebatado pelos dias chuvosos, choros na varanda;
um dia já foi assim...
Encharcado pela mórbida tristeza, entregue ao mal;
um dia já foi assim...
Iletrado sem sentimentos, memória falha, soletrando traços;
um dia já foi assim...
Odiento sem distinção, sofrimento saltitante do coração;
um dia já foi assim...
Um olhar sereno, pensar insidioso, rogar duvidoso;
um dia já foi assim...
Abnegação displicente, um desejo vingativo disfarçado,
presente; um dia já foi assim...
Efêmera sensação de paz, alegria pequena demais;
um dia já foi assim...
Indefeso por sua escolha, covardia sem cores;
um dia já foi assim...
Orquestrando sons imaginários, batidas estridentes na
carne; um dia já foi assim...
Ultrajado já foi meu nome; hoje estou livre,
não sou mais assim.

Marques Bueno

Nazareth Ferrari, natural de Taubaté, interior de São Paulo. É pintora, escultora, poetisa, Professora, Pós-Graduada em História da Arte, Engenheira Civil e Membro Titular das Academias: Valeparaibana de Letras e Artes, Academia Internacional da União Cultural e Academia Internacional Mulheres das Letras. Conquistou inúmeros prêmios em literatura e artes visuais, possuindo obras na Alemanha e na França.
nazarethferrari@hotmail.com

POETA

Ah! Poeta
Por sofres tanto
Emaranhado
No mundo das palavras?
Pensas tanto na arte
Que te sustenta a vida
Que é como a bebida
A saciar tua sede?
Sofres tanto criatura
Artesão das letras
Por ter a alma
Sensível demais.

Quisera eu ter um dia
A tua sabedoria
Onde teu sentimento
Jorra teu pensamento
Pois, tu criatura divina
Abençoado por DEUS
Tem a doce sina
De ter a arte
No teu pensar.

Nazareth Ferrari

Nereu Avila do Nascimento, Agente de Polícia Federal Aposentado, Bacharel em Direito, concluiu a Escola do MP em Florianópolis/SC, ficou em décimo lugar, com uma Crônica na Academia Mogecruzense de História, Artes e Letras, Publicou recentemente pela editora Pragmatha o Livro Crônicas, Contos e Poesias de um sonhador.

DIÁLOGO ENTRE A FOME E A NECESSIDADE

Olá dona necessidade, eu sou a fome! Muito prazer! Que coisa engraçada, eu já havia ouvido falar na senhora. Seu nome me é familiar, pois é, como eu já a conhecia de vista, por isto me apresentei. Nossos dias andam meio nebulosos, as coisas não estão fáceis. É, apareceu esta doença que denominaram Covid e que apelidaram de pandemia. É dona necessidade eu já não sei mais o que fazer, minha barriguinha anda triste, ronca, bebo água mas não adianta, estou emagrecendo dia a dia. Eu dona Fome, procuro, procuro as coisas que necessito para minha sobrevivência e não encontro.

Tenho uma ideia dona Necessidade, vamos fazer uma manifestação daquelas bem grande, parar o transito, apedrejar a casa da dona ganância, do seu orgulho, da dona arrogância. Mas dona fome, quem vai nos ouvir, ainda vão nos chamar de baderneiros, de vagabundos, desordeiros e todos os outros adjetivos pejorativos que conhecem.

Mas bah! Então vamos ficar na mesma? Como poderemos sair desta situação? Olha dona fome, vamos pensar, embora digam que não conseguimos pensar de barriga vazia. Vamos sentar naquela sombrinha e deliberar.

Sentados pensaram, pensaram, pensaram e nada. Uma perguntou para a outra, afinal de que família a senhora é? Dona fome disse que era da família conhecida por Pobreza e que nem conhecia sua arvore genealógica de tão grande que era e nem suas origens, pois esta família circundou o mundo a procura de sobrevivência. Para ai, respondeu dona necessidade eu sou descendente de uma família também muito grande conhecida por Carência que também, não sei de onde são, só sei que também é espalhada no mundo todo.

Em silêncio, as duas na sombra refletiram ao mesmo tempo: SOMOS DA MESMA ORIGEM, podemos ser até primas. Caíram na gargalhada e num choro ao mesmo tempo. Estamos no mesmo barco, Fome e Necessidade junta o que poderemos fazer? .....acho que nada, estamos fadadas a viver assim, um dia após o outro. Nossos parentes estão na mesma situação da nossa, vamos sair e continuar nosso caminho, pois acho que será utopia querer conseguir algo, disse dona Necessidade. Dona Fome respondeu: Sabes parenta, acho que teremos que nos resignar e continuar nossa caminhada, pois sempre vamos encontrar uma família amiga, clemente, caridosa, nas quais já ouvi falar, quem sabe nos ajudarão?

E assim continuaram juntas a Fome e a Necessidade sempre dependendo e solicitando ajuda destas famílias bem aventuradas.

Nereu Avila do Nascimento

Nora Prado é atriz, cronista e poeta gaúcha. Sócia fundadora da Cia. Megamini produz ao lado de Gabriel Guimard, diretor, mímico e ator, espetáculos infanto juvenis. É professora de interpretação para Teatro, Vídeo e Cinema. Publicou seu livro de poesias *A Espessura da Vida* em 2017 com apresentação de Nayr Tesser e ilustrações da artista visual Zoravia Bettiol. Formada em Artes cênicas pela UFRGS, atuou com o Grupo TEAR de Maria Helena Lopes por 8 anos onde se destacam "Crônica da Cidade Pequena", "Império da Cobiça", "La Serva Padrona," "Kaldway, a Farsa do Convidado Obsceno" e "Partituras: Os Atos, As Palavras As Metáforas". Morou em São Paulo por 25 anos trabalhado em produções de renomados diretores como: Gerald Thomas, Osvaldo Gabrieli, Francisco Medeiros, Regina Galdino, Fátima Toledo e Hugo Possolo. De volta a cidade natal, em 2017, atuou em "Latidos" de Julio Conte que a dirigiu ao lado de Catarina Conte, dirigiu o espetáculo "Lembranças no Lago Dourado", com Paulo Vicente, Claudio Benevenga e Ciça Reckziegel , ganhou o Troféu Tibicuera por sua atuação no espetáculo musical infanto juvenil em "Tem Gato na Tuba" da sua Cia. Megamini e também escreveu críticas teatrais para o PVA e o site Entreatos. Atualmente publica crônicas para o espaço METAMORFOSE AMBULANTE do Blog da Cidadania e para o jornal online, via aplicativo, VIVER DE VERDADE. Apresenta o programa de entrevistas semanal ESTAÇÃO PRATA DA CASA. Participou como atriz nas webs séries O Mistério do Tráfico das Virgens Mudas e Suíte Armário Dourado com o Coletivo Entrada de Emergência. Em junho de 2021 lançou seu segundo livro de poesias ALMA DAS FLORES pela editora Bestiário.

SOLITUDE

No meio desta manhã
alcanço um meio de
me banhar de sol.

No meio deste deserto
cinza entre os edifícios
encontro a nesga solar.

Me encosto junto à parede
e nela me espicho em direção
à luz, clareza estreita, direta.

Paraíso contrastante, ângulo
reto, caminho estreito de
onde posso desenhar melhor.

Componho junto com meu corpo
esse grafismo insólito, harmônico
feito as escalas de uma música
a beira do abismo das cidades.

Nora Prado

Patricia de Campos Occhiucci. Professora, poeta, escritora e psicóloga, natural de Santo André, reside no interior de São Paulo, na cidade de Mogi Guaçu. Participou de algumas publicações da Psiu Editora, como as antologias “Seguir o Sol”, “Dona de Mim”, “Meu Coração Agora É Todo Carnaval” e “Aqui no meu mundinho”. Contribuiu em publicações da editora Ases da Literatura de Portugal, Editorial Eco Literário, Elemental Editoração e Artner. Também de lançamentos das revistas Tremembé, Alcateia, SerEsta e Ecos da Palavra. É colaboradora da revista eletrônica BlahPsi, que traz mini-artigos sobre assuntos diversos relacionados à Psicologia.
patyarez@gmail.com
@patyocchiucci

BEIJO ROUBADO

Sem pedir, seu rosto aproximado
Juntou tua boca aos meus lábios
Foi de surpresa, nada demorado.
Adrenalina acelerou o batimento
O suor pelas têmporas escorreu
Havia mais que atração, era sentimento.

Pensamos em ser namorados
Mesmo desconhecendo no que implicaria
Pelo amor desejamos ter lutado.
E foi naquele dia, do beijo roubado
Que arriscamos firmar um compromisso
Vivemos bem até hoje, relacionados.

Patricia de Campos Occhiucci

Paulo Luís Ferreira é natural de Recife/PE. Fotógrafo de profissão. Graduado em História e Geografia. Têm contos pelas Revistas: LiteraLivre, Coverge, Balbúrdia, Covil da Discórdia, Mirage, Elemental Editorial e Ecos da Palavra; diversos contos em antologias das Editoras, Jogo de Palavras, Big Time Editora, Bunkyo de Literatura e SF Editoração. Têm três livros: um romance, "Um Suco de Laranja sem Açúcar com Hortelã" e dois de contos, "Século XXI" disponíveis em Clube de Autores. E "Acampamento das Almas", pela Autografia Editora. Contato com o autor: pluis.177@globomail.com
https://www.facebook.com/pauloluis.ferreira.10

SEJA VOCÊ, FAÇA-SE DE LOUCA

Sente-se enfadada de tudo e de todos? Já não mais suporta tantas cobranças e leviandades entabulando regras e presunções? Você acha que suas causas e anseios estão caindo no vão dos abismos? Ou se acha perdida no mundo e tem receio de não mais se encontrar? E que, por tudo isso, está em busca de sua independência? Pois então, façamos uma brincadeira, do tipo: "O que você quer ser "para" crescer".

Suponhamos que você queira, hoje, realizar um sonho nunca dantes imaginado. Que sonho seria esse? Não, não aquele sonho de quando dormimos, mas daqueles quando sentados no banco da praça; seja *ruandando* por uma cidade vazia de um domingo à tarde, ou até mesmo, quando, na cama, esperamos o sono chegar; visto ser nessas horas que construímos as histórias, as vontades mais inimagináveis; os arbítrios mais estrambóticos, porém todos perfeitamente realizáveis, pois somos nós mesmos quem nos damos todas as regras e os desfechos possíveis! Prepare-se, pois ao contrário dos concursos de miss mundo, você vai desfilar sua beleza interior. A partir de

agora sinta-se como se estivesse a executar não um sonho nem um simples desejo, mas todos os propósitos. Vamos juntos cinzelar sua história, o desejo e o sonho em si mesma. Sendo você. Digo: “vamos juntos”, porque sinto em mim ser eu mesmo você também. Portanto não se assuste eu sou aquele que te tem apreço. Há entre nós uma corrente que nos aprisionam.

Antes de tudo, porém, é necessário que te faça este adendo explicativo para que se faça melhor a compreensão do que vou te dizendo, porque, do ponto de vista da linguagem impregnada, cumpre notar que o signo usado pelas ciências e filosofias é o mais preciso possível, além de tender para o universal. Visto que, por assim dizer, quando se diz que “o quadrado da hipotenusa é igual à soma do quadrado dos catetos”, iremos enunciar um princípio em que o sentido de cada uma das palavras, e ou, das sentenças, será imutável e universal, podendo, inclusive, ser representadas por signos que, apesar de serem apenas palavras, pois as palavras não são univalentes; ao contrário, são polivalentes, isto é, tem mais de um valor, mais de um significado, podendo variar de leitor para leitor. E, exatamente nessa possibilidade de escolha, nessa coisas banais. Procure denotar com um movimento sutil dos lábios que acabou de saborear um delicioso molho tártaro sobre um filé de rabo de jacaré grelhado na brasa. Em seguida desfile pela sala como se estivesse no Deserto do Saara.

Experimente observar um camelo olhando fixamente na cara de um dos espectadores. Regozije-se. Neste mesmo olhar ostente seus conhecimentos empíricos. Você não assistiu, 2001 uma odisseia no espaço? Então!... É isso! Faça-os compreender o elo existente entre você e o macaco; a transposição macaco/homem/anjo, o osso e a espaçonave; e assim falou Zaratustra, o Danúbio Azul e a cor da Terra! Mas não se esqueça de manter sempre a cara de louca descomprometida e ao mesmo tempo afogueada. Lembre-se! Você está prestes a se emancipar do mundo.

Nesse momento comece a preparar sua saída triunfal. Saque seu arco e flecha do armário e aponte para o relógio. Mire. Acerte o ponteiro das horas. Atire. Pare o tempo. Não se preocupe com a cara de espanto deles. Mas seja tolerante com o assombro alheio.

Agora vista seu blazer, tranquila, bem de mansinho; arrume a lapela, acerte o broche; saia sem se despedir de quem quer que seja. Se você der uma leve ressabiada com o olhar vai perceber que todos estão incrédulos naquilo que estão assistindo. Não se preocupe. Comporte-se como o espelho reflita só o que você vê. Não dê bolas. Saia como se para você acabara o expediente. Mas não demonstre nenhuma empatia com a assistência surpreendida. Aja como se fosse a Lady Macbeth. Sem remorsos, sem delongas.

Mantenha-se altiva. Impoluta. Não se amedronte, eu estarei consigo seja a onde for. Nada de grave está acontecendo com você. Na saída bata a porta com vigor.

Mas antes demonstre ternura, passe um olhar cândido no ambiente incluindo as pessoas que estiverem pela frente. Caminhe impávida. Transpareça denodo. Não se apresse. Nada de grandes passadas, ande passo a passo, — aliás, venhamos e convenhamos à senhorita é um deslumbre em seus saltos altos, uma beldade de elegância! — Com esta atitude estarás informando para eles que não és dada as coisas que não te fazem feliz.

Do meio do corredor você volta. Não denote, apenas conote estar sofrendo momentaneamente de desarranjo intestinal. Ao chegar a sua escrivaninha comece a se despir. Fique apenas de calcinha, — que deverá ser de renda fina branca. — Retire da gaveta uma toalha e cubra um dos seios, o outro deixe à mostra, para que acentue sua beleza, e ao mesmo tempo exibindo o real símbolo da fertilidade. Pegue da gaveta o sabonete, vai aproveitar o ensejo para tomar um refrescante banho. Caminhe para o banheiro. Cantarole uma melodia qualquer, de preferência aquela que fala: “Eu fui no Tororó beber água não achei... Encontrei belo moreno que no Tororó deixei...” Volte do banheiro se secando na toalha. Com toda essa cena você acabou de provar que a vida é bem diferente daquilo que acontece no cinema.

Aliviada do transtorno causado pela soltura intestinal, você está levemente atormentada pelos enigmas desse mundo em que você não enxerga nada. Esse mundo invisível onde só se vê o sobrenatural, que também é invisível. Entretanto desanuvie essas coisas da mente. Você não tem esse hábito de pensar no existencial.

nesses ocos da vida. Vista-se galhardamente sinta-se elegante. Force sua aparência. Confronte-se com o espelho e deixe-o que a contemple em suas incógnitas. Mire-se nele. Passe os dedos por entre os cabelos, afofe-os com as mãos, balance a cabeça desmanchando o que havia feito. Você é uma grande atriz, mas seja sutil demonstre sua virtuose interpretativa. Passe a impressão de que escuta uma melodia angustiada numa noite de luar diáfano à boca da clareira de uma floresta, cujos animais bravios lhe espreitam. Procure nesta mesma interpretação passar a informação de que amanhã você vai fazer o rotineiro Exame Papanicolau. Não se acanhe por isso, faça-os sentir seus gestos informativos naturalmente. Aproveite e formule uma pergunta em gestos mímicos sobre geometria: "Quanto terá de comprimento uma casca de laranja de 25 centímetros de diâmetro cortada em finas tiras de 6mm de espessura?

Não, não se abespinhe! O que você tinha que fazer você já fez. E está fazendo. E está mais do que bom. Essa gente merece o governo que tem que teve e que vai continuar tendo por muito tempo. Eu sei que você almeja a autogestão da vida cotidiana e a real sociedade. Tudo isso é muito bom, muito bonito, mas nós sabemos o quão difícil é construir isso, mas sossegue você está no caminho certo. Lembra daquela antiga frase que escreveram em um muro de Paris, "A humanidade só será feliz quando o último capitalista for enforcado com as tripas do último esquerdista?" Pois então, é isso. De que

valem os sentimentos contra os canhões e a bestialidade! De qualquer forma dê a entender para eles que a sua vontade mesmo é de ir a Brasília, matar todos os ratos com hidroquinone, carbonato de sódio, hipossulfito e metabissulfito, sulfureto e ferrocionureto, esporão de lacraia e caranguejeira preta; e voltar cantarolando.

Volte ao seu natural. Espreguice-se como se acabasse de sair de um grande transe hipnótico. Imite os gatos: estique os braços, as pernas, contorça o pescoço sobre os ombros, como se um arco fosse. Massageie as mãos. Não se esqueça dos exercícios faciais, faça biquinho e estique os lábios. Boceje com gosto e vontade. Cause uma boa impressão. Esfregue o rosto com sofreguidão, dê-lhe algumas palmadas. Torne-se impassível. Sossegue. Não se preocupe, eles estão acuados. Quer dizer, estão com os cus premidos na parede. Estão assustados. Do lado de fora a tormenta continua. Os monumentos tombaram, as ruas e as praças são fossas a céu aberto. A cidade é uma catástrofe apocalíptica. Pelo lado de dentro, você os obrigou a repensar conceitos antigos.

Volte à atitude da lady inglesa, passe pela porta indiferente a tudo e a todos. Amanhã será um novo dia. Mas preste atenção: ao chegar sinta-se e demonstre indiferença, como se nada houvesse acontecido na tarde anterior. Agora se despeça como se fosse uma bela canção a borboletear pelo ar. Sinta-se como se estivesse em um vale de lágrimas colhendo lírios em um vasto jardim, desfile pelo cenário passe os lírios em seus narizes para que eles também sintam o aroma que você está sentindo.

Prove para eles, assim como a própria flor, o sentido da pureza. Demonstre exuberância nesse gesto, faça-os sentir a delícia de ser o que você é, pois é a confiança em si que forma a diferença, o limite entre o fazer e o não fazer, o sucesso e o fracasso. Seja magnânima, desfrute os olhares atentos e alheios da assistência. Deixe o cheiro de seu corpo impregnar o ambiente inebriando-os de prazer e observe a expressão de gozo. Ah! Deixe um convite sobre sua mesa de trabalho para o seu velório, mas com a data em aberto, pois ninguém sabe quando se vai morrer, e não deixe de informar que não vai haver choro nem vela, mas muita música e dança, que o funeral vai ser um verdadeiro baile do Bal Masqué... Ué, eu tinha uma coisa a mais para te dizer, mas não sei o quê! Deixa pra lá, outro dia eu conto. Pronto; vá para casa tranquila a cidade voltou à calmaria, a casa de Esher ruiu, o pântano está manso, suave, como o rock da guitarra de David Bowie... Mas não olhe para trás, quem olha para trás vira sal, dizem. Descanse bem. Boa noite.

Paulo Luís Ferreira

Reinaldo Fernandes, pai de uma filha e um filho, é professor de rede pública, editor do Jornal de fato, autor dos livros “Trilhas”, “Sob Suspeita” e prepara o “Minha Vida é Reticências”. Acredita nas pessoas, nas montanhas, no mar e em lua cheia. Gosta de ler, escrever, fotografar, bater papo, colher salsinha, amora e milho verde em seu quintal. Já plantou uma árvore.
https://www.facebook.com/reinaldo.13.fernandes/

Diário da Quarentena – 381º dia
1º de abril de 2021
Reinaldo Fernandes

O dia mais feliz de minha vida! Desde que começou essa pandemia do demônio! São onze horas e quarenta minutos da noite e daqui a pouco vou pra cama feliz!

Hoje foi o dia de nossa vacinação! Sabe o que é esperar por algo durante mais de um ano, ver as trapalhadas e atitudes genocidas do Presidente, ver seus amigos morrendo e os outros amigos chorando suas mortes sem, pelo menos, poder fazer o velório e receber o abraço da gente, ver uma enfermeira chorando ao perder uma vida? Ver, no dia anterior, o noticiário dizer que chegamos a 121.339 mortos; ver que o País só vacinou 8,3% da população e, no dia de hoje, poder ser vacinado com sua família?

Se você também já foi vacinado, entende o que estou falando. Entende essa sensação única de felicidade.

Nos levantamos cedo. Parecia até aqueles dias em que a gente sai para fazer o passeio das férias (no nosso caso, quase sempre indo para alguma praia do Nordeste), sabe? Tive certeza disso quando minha esposa pediu minha opinião sobre qual roupa usar:

- Você acha que esta está boa?

Caí na risada! Ou “rachei!”, como diria Flávio Bolsonaro. Ela me mostrava um vestidinho azul, maravilhoso, desses que as mulheres vestem (a frase ficou um pouco machista, ou preconceituosa, né? “As mulheres” é muita gente)... Desses de ocasiões especiais, inauguração de exposição de artes, entrega de premiações, formatura de faculdade, essas coisas.

O vestido me provocava com seu decote, insinuando os pontiagudos seios de minha amada. E as costas nuas.

- Acho que está um pouco demais, não? – disse-lhe beijando-lhe levemente os lábios de batom vermelho.

- Mas e você? – questionou-me. Precisa colocar sapatos, e até camisa e calça social? Você nem usa essas coisas!

É... acho que eu também tinha exagerado um pouco.

Enquanto, como no samba de Noel, discutíamos “com que roupa”, nosso filho Gabriel batia bola lá fora e pouco adiantara o banho e cabelos lavados e escovados. “Ô, meu filho, vai ficar todo suado!”, gritou a mãe!

Pontualmente às 7:45, saímos de casa: a vacinação tinha início marcado para às oito, no posto de saúde que atendia ao nosso bairro, bastante populoso.

Entramos na fila, eu segurando, de um lado, a mão de minha esposa; da outra, a de meu filho. Quando chega nossa vez, não acreditei no que vi. Parecia mentira!

Minha esposa é dessas pessoas que vivem nos surpreendendo. É o que chamamos de “louquinha”, apronta cada uma que, contando, ninguém acredita. Como

no dia de nosso casamento, em que me apareceu de biquini, cadeira de praia e um guarda-sol todo colorido, tendo substituído as daminhas de honra por garçons bombados servindo cerveja e caipivodka durante o casamento: os convidados não sabiam se davam gargalhadas ou se prestavam atenção na cerimônia. Ou se ficavam de olho na bunda e nas pernas de minha mulher, no caso do meus – e dela – amigos homens.

Aí, o tempo passa, as pessoas amadurecem, passam dos quarenta e a gente pensa que elas criaram juízo. Qual o quê!

A enfermeira deu aquele sorrisão largo enquanto pegava a primeira vacina (no nosso caso, única dose da Butanvac, orgulho nacional!). Foi nesse momento que Joana, minha companheira, deu um passo à frente:

- Um minuto, um minuto!

Tirou da bolsa um tapete vermelho (achei aquela bolsa muito grande quando a vi pegando-a no nosso quarto, mas não questionara), de uns 10 metros – lembrança de nosso casamento -, foi arredando as pessoas que estavam na fila atrás de gente, esticou-o. Ato contínuo, arrastou a mim e nosso filho até o início do tapete e parou, agora, ela no centro, segurando nossas mãos, eu de um lado e Biel, nosso garoto, do outro.

Joana meneou a cabeça. Do nada, ouviu-se um primeiro acorde. Dá pra imaginar o que ela fez?

Joana tinha contratado uma bandinha para tocar enquanto caminhávamos para a vacinação. Dei um

sorrisinho meio que amarelo, Biel enfiou seu boné cabeça adentro (pensei que o boné fosse cobrir até seus pés!) e fomos, nós dois, arrastados por ela até a enfermeira, ao som de Bolero de Ravel (dá pra acreditar?!).

O que aconteceu em seguida foi, digamos, inusitado: cada um de nós foi vacinado sendo fotografado por outro, sob as ordens de Joana; depois a *selfie* da família inteira, o povo batendo palmas e dando risadas e um gaiato que foi pedir autógrafo à minha esposa, sendo seguido por praticamente todos que estavam ali, incluindo a enfermeira!

Ao chegar no carro, fomos nós a dar gargalhadas. Pensei que Biel fosse passar mal de tanto que ria, sem conseguir acabar nenhuma frase que tentava proferir.

Isso tudo se passou naquela manhã. Porém, ainda tenho dúvidas se foi a melhor notícia do dia. Explico. Exatamente às dezenove horas e quarenta e dois minutos, entrou no ar um *Plantão Urgente* do Jornal Nacional, da Globo de Televisão. Numa sessão conjunta, Câmara dos Deputados e Senado tinham acabado de aprovar um dos 1032 pedidos de abertura de processo de impeachment do Presidente Jair Bolsonaro.

“Chegamos ao limite! Chega de mortes! Cento e vinte e um mil mortos foi a gota d’água! Chega de genocídio do povo brasileiro A aprovação do pedido de impeachment é resposta ao que a sociedade esperava diante dos desafios impostos pela pandemia. O que

estamos fazendo hoje, neste dia histórico, é a expressão pura daquilo que a sociedade brasileira espera dos homens públicos, impõe o dever cívico de unidade dos homens e mulheres de bem deste país. Essa união significa um pacto nacional, liderado por aqueles que a sociedade espera que lidere, que é o Congresso Nacional", declarou o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, na dicção impecável, entonações variadas, diferentes timbres e ritmos, a voz como uma eficiente ferramenta a serviço da emoção, o timbre grave privilegiado, um registro de baixo-barítono e isenção sempre bem colocadas de William Bonner.

Boa noite!

Reinaldo Fernandes

Renan de Oliveira é norte-paranaense de Londrina. Jornalista graduado pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), atua como gestor de comunicação em assessoria de imprensa institucional. Escreve poemas, contos, crônicas e fragmentos insólitos outros.
(E-mail: renantfa@yahoo.com.br)

DEVANEIO EM LEITO MENOR

Banho-me no escuro frio
dos vítreos olhos caudalosos
lançados às águas turvas do rio sem nome
sem cor
ou margem
meandro
ou nascente.

Sopro seco intruso
o agouro do vento morno
difuso
na tarde bege masmorra
de fastio
e modorra.

Extático ventríloquo incansável
decapita seu mentor
sodomiza fragmentos de memórias límpidas
satiriza renúncias cruas
punge mãos tementes
tinge escarlate elétrico o alvo estandarte azul
enche cálices, ventres celestes
ébrios
entes
etéreos.

Às pressas, preces ensaiadas
ato único, odes a odes
dissimuladas remissões.

Envolto por brumas da madrugada âmbar
banho-me na luz quente
do rio que sangra noturno arterial
enquanto o sono perdurar.

Renan de Oliveira

Rita de Cássia Zuim Lavoyer. Professora, pós-graduada em Estudos Literários, Linguísticas e Psicopedagogia. Estudante de Gastronomia. Possui 10 livros publicados. Classificada em vários concursos literários. Administra o blog www.ritalavoyer.blogspot.com
Encontre-a no facebook por Rita Zuim Lavoyer.

CUEIROS

Ressuscitei, do túmulo da minha memória,
os cueiros que, na minha infância,
protegiam a minha intimidade.
Sendo pequenos, costurei-os uns aos outros.
Compus o meu sudário.
Com ele cubro a morte do meu pudor
para deixar à vista as vergonhas
que não me habitam mais.

Rita de Cássia Zuim Lavoyer

Rosangela Mariano é formada em Letras pela UNISINOS (RS). Recentemente, as poesias *Herói de mim mesmo*, *Dias Solenes e Vento Minuano* são classificadas pelas Revistas *Voo Livre*, *D-Arte e LiteraLivre*. Já o poema *Eternidade*, em 26 de julho/2021, é publicado *no Jornal Zero Hora*, *Almanaque Gaúcho*, Porto Alegre, RS. Escrever é uma luz; escrever é um caminho!
E-mail: marihanaescritora@gmail.com

VOA, ANJO

Apagaram
teu sorriso
doce e angelical,
criança que eras...
Escureceram
o brilho
dos teus
olhos,
frágil botão
ainda molhado
pelo suave orvalho...
Macularam
teu corpo
e deixaram
sangrar
tua alma...

Porém,
neste lamaçal
fétido de horrores,
anjo, deram-te,
- sem nem mesmo adivinhar!!
sim, deram-te asas,
brancas, macias, eternas...
para que tu, anjo,
pudesses,
enfim,
voar...

Rosangela Mariano

Saul Cabral Gomes Júnior. Nasceu em Belém (PA), no dia 21 de maio de 1980. Graduou-se em Letras (Licenciatura em Português e Inglês) pela Universidade da Amazônia (2001). Possui mestrado (2006) e doutorado (2011) em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Em 1998, obteve o 4º lugar no Concurso Nacional de Contos "Cidade de Araçatuba". A produção do ensaio *O romance regionalista: do panorama ao perfil* lhe valeu o prêmio "Carlos Nascimento", concedido pela Academia Paraense de Letras em 2002. Dois anos depois, teve uma poesia classificada no VIII Prêmio Escriba de Poesia. Em 2020, publicou o livro Entre a História e o discurso: olhares sobre a obra de Gladstone Chaves de Melo.
E-mail: muiraquitan.saul@bol.com.br

OS POEMAS QUE PERDI

Os poemas trancafiados,
salvos do suco ácido das palavras.

Os poemas que perdi,
anjos de carne, aromas de mochilas,
devaneios, vestígios do último apóstolo,
dedos da Vida germinal, sonetos de argila,
abortos da poesia, aves-marias,
acordes da doce professorinha.

Os versos resvalam de minhas mãos,
submergem no oceano branco.
Os poemas retraem-se, bisonhos,
e refugiam-se na pátria desconhecida.

Os poemas que perdi
esculpem o alvor absoluto,
sob o qual respiram sonhos que pulsam, pulsam, pulsam.

Os poemas que perdi
flutuam,
à sombra da fria lava da amnésia.

Os poemas que perdi
repelem o obscuro espelho da linguagem.

Os poemas que perdi,
céleres fotogramas da Verdade recôndita
nas retinas do passado.

Os poemas que perdi
sussurram a busca vã,
na qual minha última reminiscência agoniza.

A cada relampejo do poema que se olvida,
reluz o olhar da Beleza esquecida.

Saul Cabral Gomes Júnior

Sergio Schargel é doutorando em Letras pela USP, doutorando em Comunicação pela UERJ, doutorando em Ciência Política pela UFF. Mestre em Letras pela PUC-Rio, mestrando em Ciência Política pela UNIRIO. Bacharel em Comunicação Social, Jornalismo e Comunicação Social, Publicidade e Propaganda, ambas pela PUC-Rio, bacharelando em Letras pela Estácio de Sá. Bolsista CAPES. Sua pesquisa e produção artística são focadas na relação entre literatura e política, tangenciando temas como teoria política, literatura política, desumanização, antissemitismo e a obra de Sylvia Serafim Thibau. Publicou em veículos como Nexo, Cantareira, Dignidade Re:Vista, Ribanceira, Valittera, HanzeMAG, Albuquerque, Almanaque de Ciência Política, Entrelaces e outros, além de diversas traduções de artigos acadêmicos e jornalísticos, principalmente para a Folha de S.Paulo. Apresentou trabalhos em eventos como CAPPE, Mostra bosque, CLAEC, Póscom, LETEX, entre outros. Organizou a vigésima sétima edição da Revista Escrita. Contato: sergioschargel_maia@hotmail.com / sergioschargel@gmail.com.

CIRANDA

Cego?
Escravo?
Conhecido era,
Mas poucos conheciam.

Um contista,
Um poeta,
Um novo gênero.
Que bela fábula!

Lá vai o lobo
Em pele de carneiro.
Não se sabe quem é carneiro,
Muito menos quem é lobo.

A raposa renega as uvas,
Renega porque não as têm.
Se tivesse não as renegava,
Aproveitava-as como ninguém

Os piores males do homem
Sob a pele de animal.
Morais defasadas
Apagadas pela modernidade.

Espero pela guerra,
Pela guerra que nunca vem.
Se a guerra assim viesse,
Perderia tudo que se tem.
Mesmo assim, assim espero,
Pela guerra que não se vê.
Se os Tártaros aparecerem,
O deserto irá tremer.
Nesse tédio os dias passam,
Passam e nem se vê.
A idade vai chegando
E ninguém mais se importa com você.

Pois bem, veja este mundo admirável.
De maravilhas e belezas mil.
Cada qual com seu Iphone,
Cada qual cada vez mais senil.

De Shakespeare nada mais se sabe,
A tempestade cessou.
O mercador morreu e
Veneza se inundou.
Nosso futuro esquisito
Realidade se tornou.
Olha a ironia
O que temíamos virou.

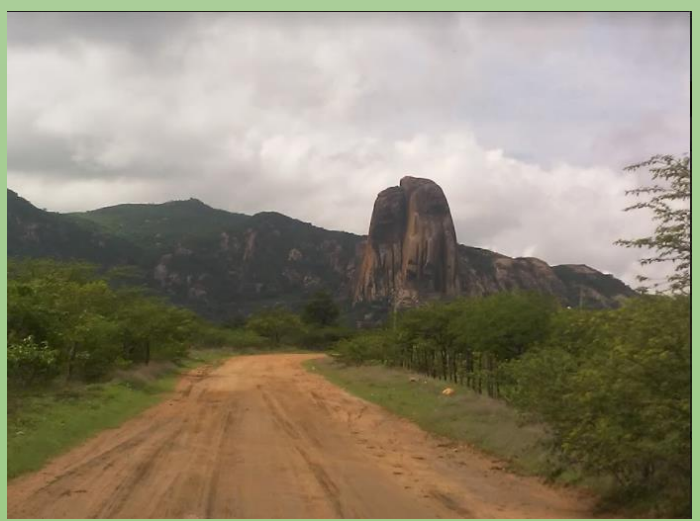
Sergio Schargel



Sirineu Bezerra de Oliveira, um jovem sonhador, filho de agricultores, residente na comunidade de Puba Taperuaba, um Pequeno distrito localizado no interior de Sobral, Ceará. Mesmo com várias dificuldades, Sirineu não deixa abater se, traça seus objetivos por meio dos estudos, e ver na escrita uma forma de libertação que o mantem firme em sua caminhada.
Taperuaba Sobral CE
EMAIL: sirineuoliveira23@gmail.com







Tiago Augusto de Figueiredo
Professor e escritor
@professor.tiagoaugusto

ESPETÁCULO DE SONHOS

Abram as cortinas, acendam as luzes do destino.
Um show começa para os atores da revolução da vida.
O público aguarda as expectativas de fatos distintos.
Crianças viajam sob as estrelas de isopor.
Vagalumes se perpetuam nas sombras.
E formam a imagem perfeita de uma noite amuada, sem luar...

Abram as cortinas, liguem o cenário e assentem a sonoplastia.
A música envolverá a sociedade do medo à perfeição.
Os olhos alienados enxergarão a vida como luz no final do túnel.
Viver na ilusão já não são relatos de histórias infantis.
Saber ilusionar vontades é construir castelos.
É destruir dragões e cavalgar em busca da donzela do sapato perdido.

Onde quer que eu esteja, onde quer que me deixe.
Sonharei sem limites, sem regras e além de qualquer som.
Montarei meu altar. Montarei meu tabernáculo.
É o simples e bonito começo do meu espetáculo.

Prendam as cortinas, migalhas de pão pelas ruas indicam o caminho.
Não deixem de tocar a canção que silencia pássaros.
As harpas mágicas fogem da harmonia musical que uniu os amantes.
As águas límpidas não abrilhantam apenas a coragem de bons nadadores.
A alcateia já uiva antes que a escuridão tome conta do cenário.

A lebre já não sabe como ir até a chegada.
Doces caem por um caminho ensolarado,
Mas tão perdido quanto sua possuidora.
O proprietário de impérios levanta bandeiras brancas.
Os grandes feudos dominam as donzelas que saem de cena por destruírem sua honra.

Pessoas atentas a sonhos formados em um palco de madeira.
Representam todos aqueles que apontam os dedos para direções que não se meçam.
A bússola já indica o despertar de uma promessa de sucesso.
As histórias controlam todo o sentimento dos atores.
Um show sem fim, dois olhos fechados...
Pensar e tentar viver!

Onde quer que eu esteja, onde quer que me deixe.
Sonharei sem limites, sem regras e além de qualquer som.
Montarei meu altar. Montarei meu tabernáculo.
É a simples e bonita continuação do meu espetáculo.

A maçã envenenada já é o feitiço para a luz.
Cordas e badalos já anunciam que o imprevisível está por vir.
A casa de pedras já não é reforço para o inalcançável.
Bombas já não são temores para os pequenos intelectuais.
Um conto faz um ponto; a cada silêncio a pensar.
Um ponto faz um conto; no céu a buscar o infinito.

Prendam as cortinas, o amor não se interrompe.
Não pisquem, até quatro paredes já perderam o sono.
A plateia só aplaude o que convém aos bons sentimentos.
A sociedade só reconhece a representação artística do que lhe agrada.
Prescreveram-se as lágrimas.
Mudem as máscaras da próxima cena.

Para onde vou? Onde me deixarás?
Sonharei sem limites, sem regras e além de qualquer som.
Montarei meu altar. Montarei meu tabernáculo.
É a simples e bonita continuação do meu espetáculo.

O show dos seus sonhos se inicia ao dormir.
O palco é montado pelas vezes em que cuidas de quem gosta.
Sejas ator da própria história!
Sejas autor de uma imagem real e sincera!

Deixem as ilusões tomarem conta de sua imaginação.
Mas saibam controlar as emoções quando entrares na vida real.
Deixem que o amor tome conta das paixões sem medidas.
Mas alcancem a razão pela qual se forma um olhar sincero.
A vida se constrói daquilo que somos, não daquilo que temos.

Perdi o meu caminho. Ficarei onde me deixares.
Ilusões percorrerão minhas esperanças.
É a construção da mais bela promessa de um espetáculo.

Fechem as cortinas, o show já terminou.
Pratique seus sonhos...
As portas estão abertas...
O sol acaba de invadir meu quarto.

Tiago Augusto de Figueiredo

Valéria Paz
argumentovpa@uol.com.br

CONTRACAPA

toda noite dá um branco
quando releio nosso livro
me faltam palavras
pra escrever o desfecho
pra criar uma reviravolta
que conserte o passado

se você prestar atenção
na prosa e na poesia
tudo o que a gente fala
do amor é redundante
só mudam a dicção e a estética
a intensidade e a vertigem

fico esperando uma ideia
pra botar tudo nos eixos
mas a história tem vida própria
e eu perco o fio da meada
estou tão desnorteada
que não sei mais o que dizer
vasculho o acervo e nada

toda noite releio nosso livro
que muda toda hora
de espessura e profundidade
cheio de páginas viradas
a lombada em carne viva
traças comendo as palavras
que não foram sublinhadas

um livro na iminência de esfarelar
menos a contracapa
quase intacta, quase um recomeço
de costas pro meu silêncio.

Valéria Paz

Valéria Pisauro, natural de Campinas-SP, exerce intensa atividade na arte poética. O requinte de suas poesias prima pela pluralidade de recursos, fruto de pesquisas, onde a variação de gêneros traduz a força e a leveza de um trabalho sofisticamente inovador, transitando com naturalidade entre o rebuscamento e o coloquial. Participa de certames culturais e idôneas antologias poéticas, tendo a felicidade de ter sido premiada em muitos deles.
Contato: https://www.facebook.com/valeriadecassia.lima/

BRAILE

Chega de manhas,
Artimanhas, aspas.
Dispenso ladainhas,
Lero-lero e interrogação.
Quero o contato, o tato,
O flashback e o olfato
Da reticência em vão.

Não venha com histórias,
Memórias, nem exatidão.
Busco o indiscreto,
Infinitivo concreto,
Que transforma
Ardentes ais
Em interjeição!

Quero o sujeito composto,
Predicado do corpo,
Objeto em transição.
Locuções livres,
De palavras mudas,
Afogadas em salivas,
De verbo de ligação.

Busco o braile de suas mãos
Cicatriz adverbial,
Sem esquema,
Algo que eu trema,
Durma apaixonado,
Acorde frase completa
E com ponto final.

Valéria Pisauro

Vitória Costa é atualmente graduanda do curso Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual do Maranhão, já participou de diversas antologias, e acredita no poder da leitura de mudar vidas. E-mail: vitoriadjc19@gmail.com.

Águas de maio

Quando eu era criança, morava com os meus avós, eles me contavam de suas crenças e superstições, uma das minhas preferidas, era a que falava sobre as bênçãos trazidas pela primeira chuva de maio, acredito que a predileção surgiu porque maio foi o mês em que nasci, me recordo que já no finzinho de abril eles comentavam sobre o quão era agraciada aquela chuva, e me lembro da minha felicidade e ansiedade em aguardá-la, pois era a única chuva em que meus avós permitiam que eu me banhasse sem maiores sermões, pelo contrário, era incentivado que eu caísse nela. Quando chegava o grande mês de maio, imperioso, torcíamos para a chuva se formar, cair, nos molhar e nos acalentar com suas promessas de proteção e bonança, meu avô colocava baldes no quintal para aparar um pouco daquela água sagrada, minha avó me dizia: vai banhar na chuva, faz pedidos bonitos. Eu corria e deixava cada gota de água perpassar pelas minhas roupas, pela minha pele... Abria a boca e esperava pingos caírem na minha língua, dançava e cantava na chuva, ás vezes me assustava com algum trovão distante, e sorria, vivendo aquele momento especial, que agora parece distante, inalcançável... Não sou mais criança, não moro mais com meus avós, não estamos em maio, e não existem promessas de chuvas mágicas que trazem sorte.

Vitória Costa

Tema do próximo número:

“O tempo e a saudade são na verdade um relógio"







DICAS CULTURAIS



IN-FINITA®

https://www.in-finita.com/
Portugal e Brasil



https://folhinhapoetica.blogspot.com

CONCURSOS
LITERÁRIOS

Concursos Literários

http://concursos-literarios.blogspot.com/



https://revistaseresta.blogspot.com



Que tipo de livros costuramos?
Nossas agulhas e linhas não fazem distinção a nada.
Costuramos revistas também.
Desde 1998.
https://artesanallivros.blogspot.com

Ecos da Palavra